

ULISBOA

Revista da Universidade de Lisboa | 16 | Outubro 2020

マスクについて お詫びとお知らせ

現在、日本製マスクの
供給が不安定なため、
品切れ・品薄状態と
なっております。
今後の入荷の目途は
立っておりません。
ご迷惑をお掛けいたしますが
ご理解をお願いいたします。

マツモトキヨシ甲信越販売

マスクについて お詫びとお知らせ

現在、日本製マスクの
供給が不安定なため、
品切れ・品薄状態と
なっております。
今後の入荷の目途は
立っておりません。
ご迷惑をお掛けいたしますが
ご理解をお願いいたします。

マツモトキヨシ甲信越販売

ADOÇÃO
HERBÁRIO
ENSINO À DISTÂNCIA

Alexis de
TOCQUEVILLE

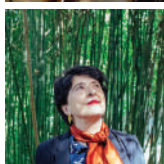
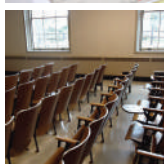
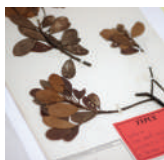
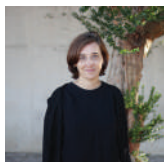
*O Antigo Regime
e a Revolução*





Este número da Revista ULisboa é publicado quando a incidência da pandemia se acentua expressivamente no país e na Europa, e os Estados se debatem com o modo de eficazmente a gerir e conter. A Universidade tem posto em prática uma série de medidas, protocolos e procedimentos precisos, incidindo sobre o ensino, a investigação, e a gestão e o funcionamento das suas estruturas administrativas e de apoio, que procuram responder a tão drástica alteração das circunstâncias da sua atividade normal. Disso damos conta num dos artigos deste número, que se debruça sobre como Escolas da ULisboa têm alterado o seu modo de funcionamento e a partilha pública dos seus espaços, a fim de prevenir qualquer eventual contágio. O ensino, a investigação e a atividade de extensão e divulgação do saber, todavia, prosseguem, e não deixarão de prosseguir, como este número torna bem claro. Fomos visitar o Herbário do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, admirável mostra do ininterrupto trabalho científico, colecionador e arquivístico de gerações de investigadores nesse domínio. Falámos com dois antigos alunos da Universidade cujo currículo é uma demonstração impressionante da importância e valor do que fazem. E procurámos saber mais sobre a intervenção de uma professora da ULisboa numa área social particularmente sensível como é a adoção de menores, que só poderá beneficiar da análise pública precisa e informada dos seus diversos momentos de realização. ●

ÍNDICE



- 1 **Editorial**
- 2 **Índice**
- 3 **Notícias**
- 6 **Sobre**
Mudança em tempos de pandemia, por Rogério Gaspar
- 7 **4 Coisas**
Simonetta Luz Afonso
- 8 **Maria Sequeira Mendes**
- 12 **No Herbário do Museu**
- 18 **André Moz Caldas**
- 22 **À distância de um ecrã**
O ensino remoto de emergência
- 28 **E assim sucessivamente**
Maria Filomena Molder

FICHA TÉCNICA

Edição e propriedade: **Universidade de Lisboa** · Departamento de Arquivo, Documentação e Publicações

Diretor: **António M. Feijó** | Direção executiva e produção: **Ana Silva Rigueiro**

Redação e comunicação: **Ana Cláudia Santos, Ana Luísa Valdeira, Helena Carneiro**

Fotografias: **Ana Luísa Valdeira, Duarte Pinheiro, José Bértolo**

Capa: Prateleiras de uma farmácia em Nagano, Japão, onde as máscaras esgotaram. © James Heilman / Wikimedia Commons

Contracapa: Máscaras sociais © Filo gèn? / Wikimedia Commons

Versos de capa e contracapa: © **Ana Luísa Valdeira**

Design gráfico: **A Bunch of Susans**

Impressão: Lidergraf – Sustainable Printing | Tiragem: 12 000 exemplares

Periodicidade: março, maio, outubro e dezembro | Assinaturas e distribuição: imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Depósito legal: **418564/16** | ISSN: **2183-8844**

Contactos gerais: **Imprensa da Universidade de Lisboa**

Alameda da Universidade · Cidade Universitária · 1649-004 Lisboa · Portugal

Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 19 750 | E-mail: imprensa@reitoria.ulisboa.pt

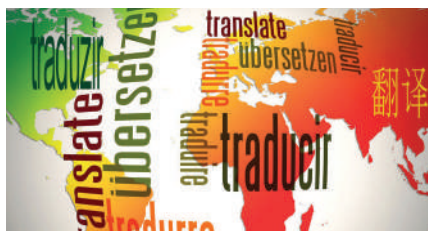
Distribuição Gratuita

© Nuno Almendra



Alumnus da Faculdade de Arquitetura recebe Iconic Awards

Filipe Borges de Macedo é arquiteto há 25 anos, formado na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Este ano foi distinguido com o *Iconic Awards: Innovative Architecture*, na categoria de Interior. O prémio, promovido anualmente pelo *German Design Council*, foi atribuído ao projeto que o *atelier* do arquiteto concebeu para as Carpintarias de São Lázaro, um dos mais recentes centros culturais da cidade de Lisboa. Inaugurado em 2017, foi originalmente uma carpintaria, construída no final da década de 1920, como a fachada *Art Déco* testemunha. Os seus três andares acolhem hoje eventos de artes visuais, música, teatro, dança, cinema e gastronomia. Em diálogo com a direção das Carpintarias, Filipe Borges de Macedo desenhou um projeto que, segundo descreve, «procurou intervir de forma pontual na estrutura existente, mantendo o carácter do edifício e criando uma estrutura flexível para os eventos culturais. Houve a necessidade de criar um elemento icónico, que reforçasse a identidade do espaço. A solução encontrada foi uma escada em espiral que atravessa todos os andares e se estende pela sala principal. O branco suave das placas metálicas contrasta com a aspereza das paredes, criando um diálogo poético».



Em setembro foram anunciados os resultados da 4.^a edição do Concurso Mundial de Tradução Chinês-Português, organizado pela Direção dos Serviços do Ensino Superior da Região Administrativa Especial de Macau e pelo Instituto Politécnico de Macau. Em 1.^o lugar ficou a equipa da ULisboa composta por Renata André Vérán de Azevedo de Moura, *alumna* da Faculdade de Letras, licenciada em Estudos Asiáticos em 2015; Cheng Xiaoyu, atual aluna do Mestrado de Estudos Portugueses e Românicos da Faculdade de Letras; e o Prof. António Barrento, do Departamento de História da mesma Faculdade, que teve o papel de orientador. O prémio atribuído tem o valor

Equipa da ULisboa vence Concurso Mundial de Tradução Chinês-Português

de 140 000 patacas macaenses, o que corresponde a cerca de 15 000 euros.

Este concurso é organizado desde 2017, sendo um dos seus objetivos fortalecer e aperfeiçoar as técnicas de tradução de Chinês-Português por meio do intercâmbio de estudantes das instituições de ensino superior de todo o mundo, promovendo a formação de tradutores profissionais.

Nesta edição participaram mais de 200 equipas de 50 universidades a nível mundial. A entrega dos prémios realizou-se *online*, com mais de 500 concorrentes e professores orientadores da Ásia, África, Europa e América do Sul a marcarem presença na cerimónia.

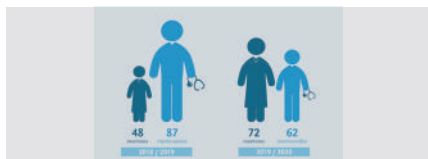
Mentoring 2.0 Faculdade de Medicina

Iniciando agora a sua 3.^a Edição, o Mentoring 2.0 nasceu em 2018 e tem como público-alvo os estudantes dos anos clínicos do Mestrado Integrado em Medicina e os alunos do 2.^o ou 3.^o ano da Licenciatura em Ciências da Nutrição. A principal missão do projeto é auxiliar estes alunos na sua escolha profissional, dando-lhes a conhecer as inúmeras opções de que dispõem. Este objetivo é concretizado de duas formas: por meio das *Job Talks – Up We Grow*, e de uma mentoria profissional.

As *Job Talks – Up We Grow* são um evento que, na edição passada, contou com 150 alu-

nos e mais de 20 oradores. Em dois dias, os estudantes têm a oportunidade de contactar com profissionais de diferentes áreas de trabalho e de investigação, ouvindo-os sobre as suas experiências profissionais. Além das palestras, são promovidas sessões de *Speed Dating*, em que os alunos podem falar individualmente ou em pequenos grupos com especialistas, por um período de 5 a 10 minutos, com vista a aprofundar aspetos e dúvidas sobre determinada área.

Com a mentoria profissional, os estudantes têm a oportunidade de escolher um mentor de uma extensa oferta de profissionais. Obtêm assim um acompanhamento personalizado e podem inclusive acompanhar o mentor no respetivo local de trabalho, ficando a conhecer melhor a realidade da área pela qual estão interessados.



Bolsa Alumni Solidário 2020

No dia 27 de outubro, pelas 15h, no salão nobre da Reitoria da ULisboa, foi entregue, pelo segundo ano consecutivo, uma Bolsa *Alumni* Solidário no valor de mil euros a um estudante da Universidade de Lisboa.

A premiada foi Carla Sofia Rodrigues Correia, aluna do curso de Psicologia, da Faculdade de Psicologia. Este prémio visa reconhecer o excelente mérito no aproveitamento escolar tendo em conta o universo socioeconómico dos alunos no ano letivo de 2019/2020.

A bolsa foi entregue pelo Presidente da As-

sociação de Antigos Alunos da Universidade de Lisboa, Professor António de Vasconcelos Tavares, pela Tesoureira, Professora Maria Amélia Loução, e pelo Presidente da Assembleia Geral, Professor Guilherme d'Oliveira Martins.

A Associação dos Antigos Alunos da Universidade de Lisboa – ULisboa *Alumni* – pretende cultivar uma relação de proximidade com a comunidade ULisboa, em particular através da educação. Desenvolveu assim um projeto de solidariedade para apoio a estudantes carenciados da Univer-

sidade, criando, em 2018, as Bolsas *Alumni* Solidário. Estas bolsas foram constituídas com a ajuda dos seus associados, mediante o pagamento de quotas anuais.

Para garantir a continuidade deste apoio à comunidade estudantil, a ULisboa *Alumni* apela não só aos seus associados mas à contribuição de todos, cujos donativos poderão ser realizados via

IBAN PT50 0035 0824 0001 1643 1300 7.

Mais informações em

www.ulisboa.pt/alumni



© Duarte Pinheiro



1. António Vasconcelos Tavares, Maria Amélia Loução, Carla Correia e Guilherme d'Oliveira Martins
2. Carla Correia e o pai, Carlos Correia

Esculturas Infinitas. Do Gesso ao Digital Belas-Artes na Gulbenkian

Está patente até 25 de janeiro de 2021 a exposição *Esculturas Infinitas*, na galeria principal do edifício sede da Fundação Calouste Gulbenkian. Curada por Penelope Curtis, a exposição reúne obras da coleção de gessos da Faculdade de Belas-Artes e esculturas de 18 artistas contemporâneos. Procura analisar a importância da técnica da moldagem nas práticas artísticas atuais, examinando o seu papel na escultura e em vários aspetos do quotidiano. Esta técnica tem permitido

a reprodução de obras de arte, de objetos do quotidiano, de elementos da natureza e de edifícios, além de ter tido uma importante função documental, em particular, na medicina. Embora o molde em gesso continue a ser utilizado na produção artística, a exposição pretende mostrar outras tecnologias mais modernas, incluindo a impressão 3D. Antes de chegar a Lisboa, esta exposição foi apresentada nas Beaux-Arts de Paris, onde esteve até 16 de fevereiro.



© Fundação Calouste Gulbenkian

Livro Vermelho dos Mamíferos de Portugal Continental Faculdade de Ciências

Sairá em 2021, com coordenação científica do Centro de Estudos do Ambiente e do Mar (CESAM) e do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (CE3c) da Faculdade de Ciências da ULisboa, e a dedicação de dezenas de cientistas, técnicos, vigilantes da natureza e cidadãos. O Livro Vermelho é um documento público em que se registam espécies raras e ameaçadas de plantas e animais, e algumas subespécies locais, presentes numa região específica. Serve para classificar as espécies silvestres que utilizam um território, em função do seu risco de extinção, num dado período de tempo. Data de 1966 o primeiro *Livro Vermelho dos Mamíferos*, publicado pela União Internacional para a Conservação da Natureza. Segundo o *Livro Vermelho dos*

Vertebrados de Portugal, de 2005, das 74 espécies de mamíferos avaliadas, 24 % estão ameaçadas. Isto acontece por destruição e degradação dos *habitats*, captura ilegal, invasão de espécies exóticas e alterações globais. O projeto, iniciado em 2019, pretende colmatar lacunas de informação, indicando que espécies estão mais ameaçadas e quais as que se encontram estáveis ou em aumento de efetivos populacionais. Pressupõe a criação de uma base de dados com os aspetos da ecologia, distribuição e abundância destas espécies. Tem como parceiros executivos as Universidades de Trás-os-Montes e Alto Douro, de Aveiro e de Évora, o Instituto de Ciências, Tecnologias Agrárias e Agroambiente da Universidade do Porto, e a empresa Mesocosmo

– Consultoria, Tecnologia e Serviços Científicos, Unipessoal Lda. Enquanto aguardamos pelo livro, podemos consultar no *website* do projeto informações relevantes, incluindo indicações sobre, por exemplo, o que fazer quando encontramos um mamífero atropelado, como encontrar veados, gamos e corços, ou como identificar pegadas de lontras, ginetas, texugos e raposas. Tudo, aqui: <https://livrovermelhodosmamiferos.pt/>



Esquilo-vermelho

© Peter Trimming / Wikimedia Commons

IGOT + IGUAL O Plano de Igualdade de Género do IGOT

Este ano ficará marcado pelo compromisso institucional do IGOT com a promoção do princípio da Igualdade de Género. Apresentado em setembro, o Plano de Igualdade de Género deste Instituto é desenvolvido no quadro do projeto europeu *GEARING-Roles* do CEG/IGOT, coordenado pela Professora Maria Lucinda Fonseca. Pretende garantir uma efetiva igualdade de tratamento e de oportunidades entre mulheres e homens, promovendo a conciliação entre a vida profissional, pessoal e familiar; integrar a perspetiva de género na cultura organizacional do IGOT; garantir o equilíbrio de género nos órgãos de gestão do Instituto e nos processos de tomada de decisão; integrar a dimensão de género na investigação e no ensino; garantir a possibilidade de denúncia, de forma confidencial e sem represálias, em situações de discriminação ou assédio sexual ou moral.

17.ª Edição da Bienal Ibero-americana de Design Empresa portuguesa premiada

A salamandra *Natura* foi o vencedor entre 140 trabalhos finalistas na 7.ª Edição da Bienal Ibero-americana de Design, na categoria de Design Industrial – Produto. É uma salamandra a lenha revestida a cortiça, desenhada e desenvolvida pela INNGAGE e produzida e comercializada pela Fogo Montanha. Estará em exposição, representando Portugal, de 23 a 27 de novembro, no Centro de Design de

Matadero de Madrid. André Gouveia, diretor-geral da INNGAGE, é antigo aluno e professor da Faculdade de Belas-Artes. Como declara, «é preciso um respeito muito grande entre quem desenha e quem produz e comercializa, para que as ideias se concretizem em produtos e o sucesso se alcance». Esta empresa de design estratégico e inovação soma já 15 prémios internacionais.



© INNGAGE

VAI ACONTECER

SOBRE

MUDANÇA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Rogério Gaspar*

Os últimos meses constituíram um desafio para todos. Frente a um agente patogénico desconhecido, os sistemas de saúde foram forçados a estabelecer níveis exigentes de resposta. A capacidade de trabalhar em rede ultrapassou as expectativas e foi (é) uma das fontes de esperança na resposta que vamos ter de dar ainda durante muito tempo. O SARS-CoV2 apareceu-nos há poucos meses, mas a COVID-19 vai ficar connosco nas suas consequências. Importa avaliar o que está em causa e antecipar os ventos da mudança.

Em primeiro lugar, a falta de preparação dos sistemas de saúde à escala global. Apesar dos frequentes exercícios¹, a translação para níveis adequados de planeamento, preparação e resposta foi insuficiente. A tendência de não integrar as lições nas mudanças organizacionais, por imperativos de poupança de recursos financeiros, paga-se caro. De futuro, exige-se maior consciência e cidadania para impor opções nas políticas públicas, traduzindo-se em aumento do investimento no planeamento, preparação e resposta.

Em segundo lugar, a resposta e nível de envolvimento dos investigadores. Portugal assistiu a um notável movimento solidário, com os investigadores a colocarem-se na primeira linha e a suplementarem um sistema de saúde, público, privado e social que, no início, não tinha capacidade de resposta na testagem sistemática. Um acesso difícil a informação essencial dificultou um



© Acervo pessoal

maior apoio no tratamento e análise de dados essenciais. A resposta pública poderia ter sido de maior qualidade e mais rápida. Limitações nacionais intoleráveis num mundo de *open-access* e *open-innovation*. A escola tradicional da saúde pública, assente em modelos habituados a um mundo não globalizado e a trabalho em grupos de menor dimensão, constituiu uma limitação a que urge dar resposta. E as consequências futuras, na saúde dos doentes que hoje sobrevivem, está longe de ser antecipável.

Em terceiro lugar, o processo de Investigação e Desenvolvimento Tecnológico. O desenvolvimento de medicamentos, longo (8-12 anos), pouco eficiente (95 % das novas moléculas em investigação clínica nunca chegam ao mercado), custoso (cerca de 2,7 mil milhões de dólares por cada nova molécula) e com um modelo económico clássico (pagamento por unidade e não por resulta-

dos), foi desafiado pela emergência que vivemos. A resposta global² de desenvolvimento de vacinas e terapias dirigidas à COVID-19, em poucos meses, incluindo vacinas em fase final de investigação, a mobilização de recursos financeiros únicos à escala global, a vontade de responder a uma emergência acima do lucro ou da propriedade das tecnologias, são ganhos importantes. De realçar, o papel da Organização Mundial de Saúde na plataforma COVAX³.

Falta muito para ultrapassarmos esta crise sanitária. A mobilização de todos não pode ser descuidada. Mas é bom também perceber o que está a mudar, fonte de esperança na construção de um futuro melhor. Num mundo global e aberto, a integração de tecnologias (medicamentos, dispositivos médicos, imagiologia, biomarcadores, dados de saúde em grande volume a serem tratados por ferramentas inovadoras) é essencial na investigação e num sistema de saúde baseado no valor acrescentado para o doente e com as pessoas no seu centro.

1 «Crimson contagion 2019 functional exercise – key findings» (outubro de 2019), *New York Times*, março de 2020. <https://int.nyt.com/data/documenthelper/6824-2019-10-key-findings-and-after/05bd797500ea55be0724/optimized/full.pdf#page=1>

2 «Draft landscape of COVID-19 candidate vaccines», WHO, 19 de outubro de 2020. <https://www.who.int/publications/m/item/draft-landscape-of-covid-19-candidate-vaccines>

3 COVAX e ACT Accelerator. <https://www.who.int/initiatives/act-accelerator>

* Professor Catedrático da Faculdade de Farmácia, investigador no Instituto de Bioengenharia e Biociências (IBB/IST), Presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Farmacêuticas (SPCF), Vice-Presidente da European Federation of Pharmaceutical Sciences (EUFEPS) e coordenador operacional da European Science for Health (EurSci4Health).



Simonetta Luz Afonso

Alumna da Faculdade de Letras



Biombos Namban

Japão, séculos XVI-XVII

Pintura policroma a têmpera sobre papel

Museu Nacional de Arte Antiga

Os biombos Namban documentam de forma cinematográfica o momento da chegada de uma nau negra dos *namban jin*, os bárbaros do Sul, como eram designados os portugueses, homens de narizes grandes e «quatro olhos», os desconhecidos óculos. São autênticos testemunhos do que teria sido a chegada, a partir de 1543, de uma nau portuguesa que, além de poder transportar 800 passageiros, desde o capitão-mor, os missionários jesuítas, os comerciantes, os marinheiros e os escravos, transportava

também uma carga preciosa: as sedas, lacas e louças da China, as especiarias da Índia, vinho, azeite e queijos de Portugal, animais exóticos – cavalos árabes, cães de caça, onças, papagaios, galos, camelos – e as armas de fogo que mudaram o curso da história do Japão. Parafraçando o Padre António Vieira, «os pregadores levam o Evangelho, o comércio leva os pregadores».

Trata-se de um documento iconográfico de uma riqueza e rigor de detalhes únicos, fruto de uma observação atenta e crítica do «Outro», que simboliza para mim o momento do encontro de culturas e de transmissão e troca de saberes e sabores, como que antecipando a globalização.



Cabo da Roca – Sintra

38° 46' 51" N 9° 30' 2" O

Ao pôr do Sol, lá «onde a terra se acaba e o mar começa» (Luís de Camões, *Lusíadas*, Canto III), está o Promontório da Lua, como lhe chamavam os Antigos, ponto mais ocidental do con-

tinente europeu, lugar mítico, onde nos sentimos mais próximos da Natureza agreste no seu estado puro, que nos envolve e nos transporta para esse oceano imenso, símbolo da partida e do eterno retorno.



As Aventuras de Pinóquio

Carlo Collodi (Florença, 1826-1890)

1.ª Edição, Florença, 1883

Este foi o primeiro livro que li na língua original, o italiano, com a ajuda da minha Avó. É uma história intemporal, da literatura infanto-juvenil, repleta de humor, fantasia e ironia, que

nos aproxima e ajuda a entender melhor o esforço que representa o crescimento e a adaptação aos padrões sociais. Apesar de terem mais de cem anos, o Boneco que quer ser Menino, o Grilo Falante, a Fada Azul, a Raposa, ou o velho Geppetto são personagens que ainda hoje encontramos nas nossas vidas.



Guernica

Pablo Picasso (Málaga, 1881 – Mougins, 1973)

Pintura a óleo sobre tela, 1937

Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia, Madrid

Retrato monocromático da tragédia da guerra, em tons de negro, cinza e branco, a partir dos relatos e das fotografias em jornais do bombardeamento de Guernica (1936) pelas forças nazis, durante a Guerra Civil de Espanha (1936-1939). Revela a agonia e a desumanidade dos momentos de horror vividos na cidade basca, como símbolo de todos os cenários de guerra. Picasso

recebeu um convite do Governo Republicano de Espanha para expor no Pavilhão de Espanha da Feira Internacional de Paris (1937) e, num mês, produziu a *Guernica*, nas suas palavras uma «alegoria atemporal contra a Guerra», tendo por vontade do autor itinerado por 11 países do mundo, só tendo regressado a Espanha em 1981, depois de estabelecida a democracia. Símbolo do antimilitarismo, da luta pela liberdade do ser humano na conquista da paz, a *Guernica* demonstra a força da arte na defesa de causas.

A portrait of Maria Sequeira Mendes, a woman with short brown hair, wearing a black top. She is standing outdoors in front of a light-colored wall and a tree with green leaves. The lighting is soft and natural.

MARIA SEQUEIRA MENDES

Maria Sequeira Mendes é Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, autora do livro *Adopção Tardia* e do website *Adoptar e Acolher*, ambos com lançamento marcado para 2021. É mãe de dois filhos.

Fotografias © Ana Luísa Valdeira

«Não gostava que a maternidade me definisse, apesar de ser uma parte importante da minha vida.»

ULISBOA Quando pesquisamos na Internet a palavra «maternidade», os resultados das primeiras páginas dizem todos respeito à gravidez, ao parto e ao nascimento. Mas ser-se mãe é muito mais do que isto, e, muitas vezes, nem começa aqui. O que é, para si, ser mãe?

MARIA SEQUEIRA MENDES Não sei bem responder a essa pergunta. Não acho que haja uma experiência única de maternidade. Pessoas diferentes têm experiências diferentes. Não gostava que a maternidade me definisse, apesar de ser uma parte importante da minha vida. Embora esteja a trabalhar no tema da adoção, não sinto que o esteja a fazer enquanto mãe, mas sim enquanto investigadora.

ULISBOA Por que razão decidiu adotar?

MSM Foi algo em que sempre pensei. Desde pequena que me lembro de termos outras crianças em casa, além de mim e do meu irmão. Lembro-me de acolhermos um rapaz que tinha vindo da Guiné e que precisava de acompanhamento médico. A minha mãe conhecia o pai dele e ele acabou por passar um ano connosco. Houve uma altura em que a minha mãe trabalhou na Fundação do Gil e, durante esse período, conhecemos outras crianças. Estávamos muito habituados a ter uma família alargada e a receber crianças com quem hoje ainda contactamos. Nunca fiz questão de engravidar. Mas adotar era útil e necessário. Fazia sentido para mim.

ULISBOA Optou pela adoção tardia. Pode explicar-nos o que é este tipo de adoção?

MSM É a adoção de crianças com seis ou mais anos. Entende-se que estas crianças têm necessidades adotivas particulares, porque se considera, talvez de maneira errada, que se trata de uma adoção mais difícil. Não estou nada certa disso. Quanto mais leio e falo com outros pais, mais percebo que os desafios da adoção dependem também de outros fatores que não a idade da criança adotada: os anos de institucionalização da criança, as condições da instituição de acolhimento, a relação que a criança tinha com os pais biológicos, o grau de trauma e negligência a que foi sujeita, o grau de stresse causado pela transição e a preparação da adoção.

ULISBOA Como surgiu o livro *Adoção Tardia*?

MSM Quando passamos por uma experiência, inevitavelmente pensamos sobre ela. Consegui perceber que existiam lacunas, falhas no processo de adoção, e ausência de informação. Não pensei «agora sou mãe, deixa-me escrever sobre isto». Acho que abordei a adoção como abordo outros temas de investigação, e por sentir que, no caso da adoção, existia um espaço que podia ser preenchido. De que maneira é possível ajudar os pais a fazerem melhor no seu dia a dia? Ao sermos confrontados com uma pergunta, surge a necessidade de investigar e de dar respostas. Quando se percebe que as respostas não estão disponíveis para toda a gente, faz-se o que é mais natural: digerir imensa informação e depois escrever sobre isso. O livro pretende dar uma ideia mais real do que é a adoção tardia. Há muitos

mitos associados. Ouvi que seria difícil, mas difícil e mau não são necessariamente a mesma coisa. O livro pretende contar, através das palavras das crianças e dos pais, o que cada um sentiu como dificuldade.

ULISBOA É referido no livro que em Portugal se privilegia a ideia de família biológica e que a esta são dadas muitas oportunidades até que a criança seja, por fim, dada para adoção. Como vê esta situação?

MSM A adoção implica sempre trauma na criança, porque vai ter de crescer com a ideia de que foi retirada aos pais biológicos ou que estes não a quiseram. Não existe maneira de isto não ser traumático. Por isso, é bom, por um lado, que os direitos das famílias biológicas sejam assegurados. Quando uma família é sinalizada, tem seis meses para tentar orientar a sua vida. Se não conseguir, o juiz pode prolongar o prazo. No entanto, a gravidade dos maus tratos é, por vezes, enorme. Em caso de maus tratos físicos, o que é que justifica que a criança continue naquela família? Um dos rapazes de que se fala no livro era preso numa divisão, não era alimentado durante dias, batiam-lhe com um cinto. Quando foi retirado disse que não queria contacto com os pais e, apesar disso, a sentença de adotabilidade só chegou 3 anos depois. Foi adotado com 11 anos. Noutro caso, uma rapariga que é sinalizada aos nove meses (o seu irmão mais velho já tinha sido retirado à família), e que sofreu maus tratos ainda visíveis na enorme cicatriz que tem no peito, apenas é retirada dos pais aos 11 anos. 11 anos para se retirar uma criança? O que



«O direito à família não pertence aos pais, mas às crianças.»

«Adotar era útil e necessário. Fazia sentido para mim.»

é grave neste processo não é dar-se uma, duas ou mais oportunidades aos pais. Nestes dois casos privilegiou-se uma ideia de família biológica em detrimento do bem-estar da criança.

ULISBOA Pode descrever-nos o processo de adoção?

MSM No início do processo, há uma avaliação para se saber se os pais candidatos são ou não aptos para adotar. Depois, começa um período de espera durante o qual se realizam sessões para preparar os pais para as dificuldades específicas da adoção. E, um dia, o telefone toca. Do outro lado dizem: «Temos aqui uma criança com estas características.» Nessa altura, os pais pensam se se sentem capazes de tomar conta da criança e se têm a intenção de a adotar. Caso tenham, vão conhecer em detalhe todo o processo: a idade, tempo de institucionalização, gostos, passatempos, dificuldades, modos de comportamento, notas da escola. Mas não podem responder logo. Temos de ir para casa pensar. Se decidirmos adotar, a criança começa a ser preparada para o primeiro encontro, que terá lugar umas semanas depois. Até lá, organi-

zamos um álbum em que nos descrevemos. Depois acontece o primeiro encontro.

ULISBOA Como é esse encontro?

MSM Eu não tive a experiência de não gostar dos meus filhos, apesar de saber que pode acontecer. Gostei logo dos dois. Mas daí até à formação de um laço, acho que levou tempo, diria um ano, um ano e meio. Acho que é como na maternidade tradicional, mas poucas pessoas falam nisso. Quando os bebés nascem, não existe necessariamente um vínculo automático. A relação a sério surge mais tarde. O sentimento aprofunda-se, torna-se mais sólido.

ULISBOA Os pais candidatos à adoção são avaliados para se saber se têm capacidade para o fazer?

MSM Há sempre um processo de avaliação com muitas sessões com os candidatos, com testes psicológicos, etc., para se perceber se estão aptos. Lembro-me de um questionário sobre a possibilidade de se bater nos filhos. «Se o seu filho fizer isto, o que faz?» E algumas das opções de resposta incluíam «bato-lhe» e «bato-lhe muito». Lembro-me de ficar horrorizada e de perguntar se alguém assinalava uma destas duas opções; fiquei a saber que sim.

ULISBOA Quem responde que bate é excluído do processo de adoção?

MSM Eu espero que sim.

ULISBOA Pensa então que nem todos podem ser pais adotivos, ainda que a lei o permita?

MSM Sim, acho que nem todos devem poder adotar, e é para isso que serve o processo de avaliação. O direito à família não pertence aos pais, mas às crianças. Por muito que custe, cabe aos adultos perceber e aceitar que o processo de adoção é difícil e que se devem colocar os interesses da criança em primeiro lugar.

ULISBOA É a falta de compreensão dos pais em relação a um mau comportamento que leva à devolução de uma criança?

MSM Há muitos fatores. Diria que há pais inadequados. As equipas fazem o me-

lhor que sabem e podem, mas nem sempre é fácil antecipar que pais vão ser competentes. Depois, acho que falta preparação. Os cursos existentes são úteis, mas não preparam os pais para o dia a dia. Faz falta apoio específico, que só existe nos primeiros seis meses. Creio que há uma idealização do que é a maternidade e a paternidade; os pais imaginam uma família idílica, numa casa perfeita, mas depois algumas crianças gritam todo o dia, não dormem, fazem chichi na cama, desafiam, testam até à exaustão. E é difícil gostar de uma criança que está sempre a rejeitar os pais. Os pais têm de ter a paciência e a sabedoria de perceber que há um motivo para a criança se comportar daquela maneira, sem terem de pensar logo em emendar, corrigir, formatar, normalizar a criança. Alguns comportamentos têm de ser trabalhados ao longo do tempo, como acontece connosco.

ULISBOA Foi a preocupação com a falta de preparação dos pais que adotam que a levou a criar o *website Adoptar e Acolher*?

MSM Achava que estava bem preparada: tinha lido sobre parentalidade e tinha tido alguma experiência. Nos primeiros meses, percebi que precisava de conhecimento específico, e encontrei um site, *Creating a Family* (www.creatingafamily.org), e um livro, *La normalité adoptive*, que foram importantes para mim. Ao conhecer outros pais, percebi que também tinham problemas específicos que eram descritos na literatura sobre adoção. E muitos não tinham fluência noutras línguas para lerem sobre o tema. Comecei a traduzir textos para essas famílias e, mais tarde, algumas equipas da Santa Casa da Misericórdia usaram-nos com alguns pais em dificuldade. Depois disso, li um relatório do Conselho Nacional para a Adoção de 2018, em que se falava na importância de um *website* para informar a população em geral sobre adoção. Fez-me impressão que ninguém o tivesse feito, e comecei a trabalhar nisso.

ULISBOA Diz no *website* que educar crianças adotadas não é o mesmo que educar as que não são. Quais são as diferenças?

MSM A primeira é que eles não nos conhecem nem nós os conhecemos. Os pais biológicos têm, desde o início, uma vinculação com a criança que os pais adotivos não têm: o cheiro da mãe biológica acalma o bebé. Uma criança adotada não se vai deixar acalmar até confiar, até haver vinculação, até reconhecer que os pais são cuidadores. A segunda diferença tem que ver com a chamada fase de teste, em que eles fazem trinta por uma linha para ver se os vão devolver ou abandonar. Com estas crianças, não se pode criar em casa um ambiente parecido com o do sítio de onde foram retiradas. Se o ambiente em casa é percebido como ameaçador, a criança fica assustada. Isso é adicionar trauma ao trauma. Estas crianças são resilientes e teimosas. Para sabermos acompanhá-las, temos de ser protetores e apaziguadores, e não disciplinadores e autoritários. A criança tem de perceber que vive num sítio seguro.

ULISBOA Existe diálogo sobre o passado da criança?

MSM Claro, tem de existir. Apropriado à idade. Vão-se contando coisas pouco a pouco. Antigamente não se contava, e percebeu-se que isso gerava problemas grandes na idade adulta. Hoje, toda a gente – espero – vai falando com a criança sobre isso.

ULISBOA É comum a criança adotada querer, na vida adulta, adotar?

MSM Sim. Mas também podem querer ser mães e pais biológicos, porque é a primeira vez que vão ter linhagem sua: não sabem o que veio para trás, mas podem saber o que vem para a frente.

ULISBOA Pode a adoção contribuir para reformular a ideia de família?

MSM A minha ideia de família nunca foi muito tradicional. Mas parece-me diferente ter uma família em que os vários membros se escolheram uns aos outros. Nas adoções de crianças mais velhas, a partir dos 14 anos, é muito bonito, porque os pais e os filhos escolheram-se de forma consciente.

ULISBOA Tendemos a admirar muito as pessoas que adotam. Sente-se admirada?

MSM Não, de todo. Há muitas maneiras de formar uma família, esta é uma delas. •

COMO ADOTAR UMA CRIANÇA?

1. Dirija-se ao serviço da Segurança Social da zona onde vive.
2. Compareça na sessão informativa do Plano de Formação para a Adoção.
3. Entregue a sua candidatura.
4. Os serviços avaliam se reúne as condições necessárias para adotar.
5. Os/As candidatas/os são inscritas/os numa lista de espera.
6. Aguarde uma proposta de adoção.
7. A criança e a/o adotante vão conhecer-se.
8. Pede-se ao tribunal que reconheça a criança como filha da/o adotante.
9. A adoção torna-se definitiva.

Fonte: <https://eportugal.gov.pt/servicos/adotar-uma-crianca>



Coleção de Algas: exemplar de
Nitophyllum ciliatum Welw., colhido
por F. Welwitsch (séc. XIX)

NO HERBÁRIO DO MUSEU

Quando pensamos num herbário, imaginamos cadernos ou folhas em que estão coladas plantas secas, achatadas, de tons esmaecidos, que alguém colheu num campo ou num bosque. Imaginemos agora um edifício que alberga centenas de milhares de exemplares de plantas, do século XVIII até hoje, construído de raiz para essa função. É assim o Herbário do Museu Nacional de História Natural e da Ciência.

Situado na zona da Classe do Jardim Botânico, é um edifício modernista, de três andares e paredes cor de rosa, projetado pelo arquiteto Adelino Nunes na década de 30 do século xx e concluído no início da década seguinte para a Faculdade de Ciências, então na Rua da Escola Politécnica. A sua traça original está praticamente inalterada, e esse foi um dos cuidados tidos nas obras de renovação, concluídas recentemente. Encerrado durante três anos, o edifício está agora capacitado para albergar as coleções do Herbário LISU [Lisboa – Universidade], aí instaladas desde o início, e do Herbário LISC [Lisboa – Centro Botânico], do Instituto de Investigação Científica Tropical. São mais de meio milhão de espécimes reunidos numa casa que brilha como nova.

Entramos no Herbário. Lá fora chove, as plantas do Jardim agradecem. Acompanham-nos Palmira Carvalho, curadora da coleção de líquenes, e Ana Isabel Correia, professora da Faculdade de Ciências e curadora da coleção de plantas vasculares, ambas do LISU. Mais tarde também se juntarão Alexandra Lucas, técnica da coleção de vasculares, e Paula Branco, técnica do Herbário LISC. A primeira alteração visível é a rampa para pessoas de mobilidade reduzida. A nossa visita segue a ordem da entrada dos exemplares nas coleções. Descemos à cave, à «sala suja», onde é feita a descontaminação do material que chega ao Herbário, quer venha diretamente do campo, quer de alguma exposição ou instituição à qual foi emprestado. Como explica Palmira Carvalho, o importante é acautelar que nenhum elemento infestante entre nas coleções. O método usado é o frio: o material é envolto em plástico e fica em arcas congeladoras durante vários dias, a fim de matar animais, sobre-

tudo insetos, que possam comer as plantas. Os exemplares ficam depois a descongelar e sobem ao piso correspondente.

Para prevenir a eclosão de ovos de insetos e o aparecimento de fungos e bolores, os principais inimigos de um herbário, dois elementos têm de ser controlados: a humidade atmosférica, que deverá ser de 50 a 55 %, e a temperatura, que deverá rondar os 18-20° C. Garante-se assim a preservação da coleção e o bem-estar de quem nela trabalha.

Dirigimo-nos para o piso 0 e entramos na sala da criptogamia. Sente-se bem o frio. «No verão é ótimo, estão sempre 19 ou 20 graus», diz Palmira Carvalho. O Herbário tem a maior coleção portuguesa de plantas criptogâmicas, com cerca de 140 000 exemplares (o Herbário de Paris, o maior do mundo, tem dez milhões de exemplares). Como lembra Ana Isabel Correia, criptogamia opõe-se a fanerogamia (de «flor»): ao contrário das plantas fanerogâmicas, as criptogâmicas não têm flor. Há outra diferença importante: as plantas com flor são vasculares, têm um sistema condutor que transporta a água e os nutrientes.

Que tipo de criptogâmicas há nesta sala? Os briófitos, comumente chamados musgos; os fungos, que, não sendo plantas, são tradicionalmente estudados em herbários («não são plantas porque não produzem o próprio alimento, são heterotróficos», esclarece Ana Isabel Correia); e os líquenes, frequentes em árvores e telhados, que associam pelo menos um fungo, uma alga e uma cianobactéria. Podem chegar a viver juntos quatro organismos: dois fungos, uma alga e uma cianobactéria; para alguns, nesse caso, trata-se de um miniecosistema. A junção de dois, três ou quatro organismos beneficia-os a todos: uma alga, em simbiose com um fungo, na forma de líquen, pode viver no

deserto. Se cortarmos um líquen, como nos mostra Palmira Carvalho, conseguimos ver cada um dos seus constituintes.

Vemos uma belíssima *Lobaria pulmonaria*, vulgarmente conhecida por pulmão-dos-carvalhos (parece um pulmão, com os seus alvéolos). É um dos poucos líquenes com nome comum, encontrando-se em regressão na Europa. A sua existência é um dos indicadores da saúde dos bosques onde vive. Quando se verifica qualquer alteração, por cortes intensos ou poluição, é um dos primeiros organismos a desaparecer. Quanto maior o número de líquenes e musgos, melhor a qualidade atmosférica (Lisboa, a esse respeito, é uma das melhores capitais europeias).

As plantas estão guardadas em capas, cada qual com vários exemplares da mesma espécie. Há capas diferenciadas, vermelhas, para o tipo (*Typus*), o material de referência das espécies: quando uma nova espécie é descrita pela primeira vez, o exemplar em que se baseou a descrição é aí guardado. O papel é *acid-free*, para impedir reações químicas com a planta. As capas são arquivadas em armários compactadores; foi necessário reforçar a estrutura do edifício para que pudesse conter um em cada piso.

Nesta sala, alguns exemplares estão guardados num velho armário de herbário, mandado fazer pelo Prof. Carlos N. Tavares (1914-1972), antigo diretor do Jardim Botânico e especialista em líquenes. Vemos uns pacotinhos de papel, dentro dos quais os líquenes estão à solta; o facto de não estarem colados permite que sejam mais facilmente manuseados. Num só pacote pode haver dez espécies diferentes, cada uma identificada. Vemos um bocadinho de tronco, colado ao papel, em que cada mancha representa um líquen diferente. A sala das criptogâmicas

Montar o exemplar é um labor de conhecimento e paciência. As plantas são cosidas com linha e agulha, especialmente as mais lenhosas ou carnudas, para terem maior estabilidade e não haver risco de se soltarem do suporte.

possui um mezanino, onde se pode trabalhar com vista para o Jardim, e comunica com duas pequenas salas laterais: uma de armazenamento temporário do material vindo da descontaminação, e a sala de consumíveis.

Subimos ao primeiro piso por umas escadas de madeira, originais. Aí estão as vasculares do Herbário LISU e parte da coleção do Herbário LISC. À entrada, temos a sala de preparação e o gabinete do curador. Entramos na sala das coleções, onde a temperatura está cerca de dois graus abaixo da sala do piso o. As principais coleções são o Herbário Português e o Herbário Geral. O primeiro contém apenas plantas de Portugal continental, das colónias portuguesas e da Macaronésia (região biogeográfica que compreende os Açores, a Madeira e as Canárias, cujo nome significa «ilhas afortunadas»), e uma pequena coleção de plantas cultivadas, colhidas no Parque de Monserrate, em Sintra, e no Jardim Botânico. O grande impulsionador desta coleção foi António Xavier Pereira Coutinho, que veio em 1890 para a Escola Politécnica. O Herbário Geral con-

tém plantas de todo o mundo. São herbários dinâmicos, crescendo com as expedições e trocas entre instituições congéneres.

Os grandes compactadores no primeiro piso, onde se guardam as plantas vasculares, contrastam com os móveis antigos de madeira que ladeiam a sala. Há uma prensa antiga à entrada, estantes de arquivo e armários que parecem gabinetes de curiosidades. Esses móveis transportam-nos de imediato para a história do Herbário e para as suas coleções mais antigas, algumas com mais de duzentos anos. Dispostos ao longo de uma enorme bancada, estão exemplares das coleções do Museu, pertencentes a Domingos Vandelli, Alexandre Rodrigues Ferreira, Félix de Avelar Brotero, José Francisco Valorado e Friedrich Welwitsch, seleção que nos guiará por uma viagem pela botânica com início no século XVIII.

Ana Isabel Correia vai abrindo as pastas de papel, à medida que nos conta as histórias de cada um dos seus coletores. As suas luvas brancas, que usa para proteger os exemplares, apontam para o primeiro espé-

cime que selecionou: *Adonis*, uma flor que faz jus ao deus grego que a nomeia. Nada como entrarmos na história deste herbário, observando a flor *Adonis*, se pensarmos que o Adonis da mitologia se tornou símbolo da vegetação que morre no inverno, regressando à Terra na primavera.

Adonis foi colhida por Domingos Vandelli, um naturalista italiano, natural de Pádua, que veio para Portugal a convite do marquês de Pombal para colaborar na reforma da Universidade de Coimbra. O Herbário compreende cerca de 3300 exemplares de Vandelli, uns colhidos em Itália, outros em Portugal, e outros ainda enviados do estrangeiro. Foi professor da Universidade de Coimbra, diretor do Real Jardim Botânico da Ajuda e orientador científico das *Viagens Philosophicas*, iniciadas no final do século XVIII, assim chamadas por referência à Filosofia Natural. À época não se falava de História Natural, como nos explica Ana Isabel Correia. Estas viagens, patrocinadas pela Coroa, eram grandes expedições às colónias portuguesas, com o intuito de se estudar os



Prensa de secagem de material para herbário

Pormenor de um cacifo com inúmeros exemplares tipo (Coleção Africana de F. Welwitsch, séc. XIX)



Exemplar tipo de *Persea obovata*
Nees & Mart. Coleção de Alexandre
Rodrigues Ferreira (séc. XVIII)

Montagem de um exemplar de herbário

seus recursos naturais, a fauna, a flora, os costumes, as gentes, e até a delimitação de fronteiras.

Para explorar os recursos naturais de Angola, Moçambique, Brasil e Cabo Verde, Vandelli escolheu quatro alunos de Coimbra. Um dos enviados foi Alexandre Rodrigues Ferreira, responsável pela missão ao Brasil, a mais bem-sucedida das quatro *Viagens Philosophicas*, com o envio de uma extensa coleção de espécimes, gravuras e manuscritos. Rodrigues Ferreira viajou entre 1783 e 1792, acompanhado pelo jardineiro botânico Agostinho Cabo e pelos riscadores Joaquim Codina e Joaquim José Freire. Os riscadores acompanhavam sempre os coletores, a fim de elaborarem desenhos minuciosos de cada espécime colhido. Eram formados na Casa do Risco, uma escola de ilustração científica criada por Vandelli no Real Jardim Botânico da Ajuda, uma das primeiras do mundo.

Rodrigues Ferreira partiu para o Brasil a 14 de julho de 1783 e, dois meses depois,

chega a Belém do Pará, lugar que o deixou deslumbrado, como comenta no primeiro relatório que envia para Lisboa: «A terra em si é um paraíso. Aqui mesmo são tantas as produções que eu não sei a que lado me volte.» Ao longo dos nove anos de viagem, percorreu cerca de 40 000 km: subiu o rio Amazonas e o rio Negro até chegar a Barcelos, desceu o rio Madeira até Vila Bela (atual Porto Velho), local de onde partiu até Mato Grosso, explorando os rios Cuiabá e Paraguai, e ainda as grutas da Onça e do Inferno. Da sua expedição, resultaram vários carregamentos para Lisboa, com diversas amostras de plantas e animais, relatórios com testemunhos do que observava, descrições antropológicas e diversas ilustrações científicas da fauna, da flora, dos índios e dos lugares. A sua coleção botânica está dividida entre Paris e o Herbário do Museu, que conta 1260 exemplares.

Nas estantes estão também exemplares de Félix de Avelar Brotero, o primeiro

botânico português a elaborar uma flora do nosso país, publicada em 1804, intitulada *Flora Lusitanica*. Brotero sucedeu a Vandelli à frente do Jardim Botânico de Coimbra e, quando se reformou, em 1811, veio para o Jardim Botânico da Ajuda, onde trabalhou até à data da sua morte. Infelizmente, a coleção que utilizou para fazer a *Flora Lusitanica* desapareceu em Coimbra. Ana Isabel Correia conta-nos que há muitas teorias sobre este desaparecimento, mas não se sabe ao certo o que aconteceu. Dos exemplares que colheu e se preservaram, 337 estão no Herbário do Museu, alguns da nossa flora autóctone, e outros colhidos no Jardim Botânico da Ajuda. Um deles é um narciso branco, mostrado por Ana Isabel Correia com o orgulho que se impõe, ou não fosse Narciso, o da mitologia, um símbolo de vaidade.

Outra das coleções históricas pertence a José Francisco Valorado, aluno de Brotero em Coimbra. O material existente foi essencialmente colhido em Coimbra, e em Sintra,

onde passou os últimos anos da sua vida. Estes exemplares são os que têm mais valor científico porque são os mais anotados, têm dados associados significativos, incluindo a data e o local da colheita. Além disso, têm uma particularidade: foram identificados ou confirmados por Brotero. Podemos encontrar em vários exemplares a palavra «vero», escrita à mão com outra letra e tinta, por Brotero, confirmando a identificação da espécie. Hoje, como nos explica Ana Isabel Correia, quando é feita uma revisão dos exemplares, deixa-se uma anotação, nunca escrita diretamente no exemplar, mas em papéis que se anexam. Aí se anota a concordância com a identificação feita ou a classificação alternativa que se propõe. Quanto mais revisões tiverem os exemplares, mais valiosos se tornam.

A última das coleções históricas do Herbário, e a mais importante, é a de Friedrich Welwitsch. Welwitsch veio da Áustria para Portugal, em 1839, com a ideia de preparar uma expedição aos Açores. Mas essa viagem nunca aconteceu. Acabou por permanecer uns anos em Portugal até seguir em expedição para Angola, entre 1853 e 1860. O Herbário tem cerca de 3000 exemplares de plantas portuguesas, colhidas durante a época em que Welwitsch esteve em Portugal, e cerca de 15 000 exemplares de plantas africanas. Dentro da sua coleção de plantas africanas, 4100 são tipos nomenclaturais, assim designados por serem espécies novas para a ciência, correspondendo a primeiras colheitas, algumas exclusivas das regiões exploradas. Nos compactadores, elas estão bem visíveis, guardadas em capas amarelas com margem vermelha, o que permite distingui-las de todos os outros exemplares.

Da seleção de Ana Isabel Correia desta coleção destaca-se uma das descobertas de Welwitsch, a planta *Tumboa*, que faz eco no nome da denominação *ntumbo* dada pelos nativos. A descoberta ocorreu em 3 de setembro de 1859, no deserto do Namibe, entre o sul de Angola e o norte da Namíbia, o único local onde esta planta existe. Mais tarde, o botânico inglês Joseph Hooker nomeou-a *Welwitschia*, em homenagem ao seu descobridor, descrevendo-a como a planta mais extraordinária e feia que conhecia. A *Welwitschia*, ou «ornitorrinco vegetal», como Darwin lhe chamava, é, na verdade, uma planta sem parentes – «os mais próximos são os pinheiros», comenta Ana Isabel Correia, enquanto aponta para os seus cones ou pinhas.

Por fim, Ana Isabel Correia abre a última pasta que selecionou e mostra-nos a alga *Nitophyllum Ciliolatum*, colhida por Welwitsch na praia de Caxias, em junho de 1853, pouco tempo antes de partir para Angola. «Esta é a mais bonita», comenta. Por isso a deixou para o fim. Ao contrário dos outros exemplares que vimos, esta alga mantém a sua tonalidade rosada original, ainda que ligeiramente esbatida. A beleza da sua cor distingue-se imediatamente dos tons acastanhados e amarelados das plantas terrestres, que assim ficam devido ao seu processo de secagem, prensagem e conservação durante anos e séculos.

A preparação de um exemplar para o Herbário não está longe da ideia que nos é desde cedo conhecida de colocar uma flor ou uma planta entre as páginas de um livro. Mas aqui, em vez das páginas de um livro, temos prensas de madeira da viragem

do século xx. Para secarem, os exemplares são colocados entre as páginas de velhos jornais, o material mais adequado à secagem pela sua capacidade de absorvência. Quando os jornais ficam demasiado molhados, podendo dar origem a fungos que ameaçam os exemplares, são trocados por outros e postos no secador, para uma futura reutilização.

A disposição do exemplar no material de suporte, normalmente uma cartolina, segue alguns critérios, sendo os principais a fidelidade à forma que a planta apresenta na Natureza e a exposição das características mais importantes da sua identificação. A composição no suporte pode ser mais ou menos reconfigurada de acordo com os elementos a pôr em evidência: há plantas com caules longos que são torcidos para ambas as faces ficarem visíveis, e há exemplares montados em duas folhas para se poderem mostrar todas as componentes.

Montar o exemplar é um labor de conhecimento e paciência. As plantas são cosidas com linha e agulha, especialmente as mais lenhosas ou carnudas, para terem maior estabilidade e não haver risco de se soltarem do suporte. Cada preparador acaba por adaptar as técnicas aprendidas, e vimos como Alexandra Lucas usa pesos de pesca para fazer mais pressão sobre certos pontos do exemplar. À semelhança dos jornais da secagem, também o material de suporte precisa de ser trocado quando criador. Prevendo esta necessidade, na montagem é usada cola de papel de parede, hidrossolúvel, facilmente descolável quando hidratada; a fita-cola e os cliques de metal, que chegaram a ser usados para prender o

O mundo natural é vasto, outras espécies surgirão, e outros exemplares serão recolhidos para que o estudo do mundo vegetal se faça em permanência.



Exemplar de *Lobaria pulmonaria* (L.) Hoffm. (Nome vulgar: pulmão dos carvalhos). Coleção de Líquenes

Pormenor das etiquetas de *Ximenea americana* L. (Coleção Africana de F. Welwitsch, séc. XIX)

exemplar ao suporte, foram proibidos por poderem danificar a amostra.

Ao exemplar já montado dá-se o nome de exsicata. Todos os exemplares têm um número de identificação exclusivo, atribuído assim que entram no Herbário. Na folha que suporta a planta, é ainda colada uma etiqueta com todos os dados necessários para a sua identificação e descrição: as coordenadas geográficas do lugar («hoje ninguém vai para o campo sem GPS», diz Ana Isabel Correia); as datas da colheita e da identificação; o nome do coletor; os dados da ecologia. Na sala de preparação, Alexandra Lucas está a trabalhar na preparação de uma planta colhida em «lugares sombrios entre blocos de rochas eruptivas», uma descrição que logo nos transporta para o seu *habitat*. Quanto mais completa for essa descrição, melhor. Acontece, por vezes, que dada a sua pertença a um género particularmente difícil, uma planta é colhida e só identificada passados anos. Nestes casos recorre-se ao conhecimento especializado de colegas ou ao material tipo.

Dada a proveniência destas coleções, o Herbário possui exemplares ainda por identificar. As expedições integravam naturalistas que colhiam um pouco de tudo, de fungos a plantas, e havia pouco conhecimento sobre o material recolhido, pela sua novidade. Mas a perseverança destes explo-

radores na colheita era afincada. Uma carta enviada a Carlos N. Tavares relata a aventura de um botânico que, indo direito a uma planta desconhecida, não viu um crocodilo que se apressava na sua direção para o abocanhar. Felizmente, tanto à planta como ao coletor não ficou a faltar nenhum pedaço. Por o local da colheita ser criteriosamente registado, a rota de uma expedição pode ser traçada com precisão a partir das plantas colhidas.

Parte do mobiliário destas renovadas instalações foi mantida do Herbário LISU ou trazida do antigo Instituto de Investigação Científica Tropical, o que acaba por conferir ao espaço a atmosfera de um herbário-museu. Mas a escolha de manter determinadas peças em uso não se deveu só à sua beleza ou a um sentido de preservação histórica, mas também à adequação exímia ao fim a que se destinam. Durante largos anos, o Museu Nacional de História Natural e da Ciência possuiu oficinas próprias que fabricavam o mobiliário à medida para as expedições, de acordo com os pedidos dos exploradores, que indicavam as dimensões e o formato que os móveis deveriam ter para o bom acondicionamento do material de recolha – como capas de herbário e lâminas de vidro –, na ida, e do material recolhido, na vinda.

As professoras e investigadoras, cuidadoras do Herbário, ainda seguem os pas-

sos destes exploradores intrépidos. Todos os momentos são bons momentos para a colheita – devidamente autorizada, questão importante – de exemplares em falta na coleção pela qual são responsáveis. E a colheita é feita sempre em duplicado, tendo em mente as permutas com outros herbários. Há, inclusive, exemplares mais valiosos do que outros, chegando um duplicado a ser trocado por quinze em falta, por exemplo.

As coleções do Herbário são uma fonte importante para o conhecimento da diversidade vegetal em diferentes lugares e ao longo dos séculos. Algumas das suas espécies aqui presentes já nem existem no planeta, várias plantas extinguíram-se e alguns *habitats* desapareceram. Mas o mundo natural é vasto, outras espécies surgirão, e outros exemplares serão recolhidos para que o estudo do mundo vegetal se faça em permanência. Na reestruturação do Herbário também isso foi pensado. O topo dos compactadores está propositadamente vazio para acolher novas plantas. Há ainda muito espaço para que o Herbário não pare de crescer. «É um privilégio trabalhar com um património tão bonito», diz-nos Paula Branco. Considera-se guardadora de um património nacional, que além de conservado deve ser enriquecido, para servir a futuras coleções e a futuras gerações. ●

A close-up portrait of André Moz Caldas, a man with dark hair, a beard, and glasses, wearing a dark suit, white shirt, and red tie. He is smiling and looking slightly to the right. The background is a blurred bookshelf.

ANDRÉ MOZ CALDAS

André Moz Caldas é Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, e Assistente Convidado da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa. Foi Presidente do Conselho de Administração do OPART – Organismo de Produção Artística, E. P. E.; Chefe do Gabinete do Ministro das Finanças do XXI Governo Constitucional; Presidente da Junta de Freguesia de Alvalade, em Lisboa; e membro do Conselho Geral da ULisboa. É mestre em Direito e em Medicina Dentária por esta Universidade.

«Envolvam-se. A vida não é só casa-universidade-casa, e a universidade não é só a sala de aula e a biblioteca.»

ULISBOA O que o levou a decidir ir para Medicina Dentária?

ANDRÉ MOZ CALDAS Não foi uma decisão, foi um acontecimento. Queria ir para Medicina e coloquei Medicina Dentária como última opção de acesso ao ensino superior no ano em que me candidatei, há vinte anos. Fi-lo na perspectiva de vir a mudar mais tarde, mas apaixonei-me pela Faculdade de Medicina Dentária e decidi completar essa licenciatura. Isso terá mudado o curso da minha vida – e, como não estou insatisfeito com o curso que a minha vida tomou, acho que não ter entrado para Medicina foi uma coisa feliz.

ULISBOA Que pensa sobre as médias de acesso aos cursos de Medicina?

AMC A média é um dado de facto, depende do número de vagas e da classificação dos candidatos. Enquanto houver *numerus clausus* de acesso à universidade, haverá um limite de acesso. Podemos sujeitar a uma melhor reflexão se não ficam por avaliar, naquele par de horas de exame no final do ensino secundário, o trabalho de continuidade e outras competências. É a interpretação que faço do meu exemplo, com o acesso à Faculdade de Direito pelo regime de Maiores de 23. A instituição sabia bem quais as pretensões, características e percurso de vida do estudante que estava a admitir, mais complexo do que o de alguém que acaba de sair do secundário.

ULISBOA Foi para Direito quando já era médico dentista.

AMC O Direito sempre esteve na minha

forma de olhar para o mundo. A meio do curso de Medicina Dentária, com o envolvimento no movimento associativo estudantil, percebi que a formação jurídica era uma ferramenta importante para refletir sobre a sociedade e para a ação cívica e política. Decidi candidatar-me à Faculdade de Direito perto do final da licenciatura, mas julgava fazê-lo numa fase mais tardia. Foi o reitor de então, António Sampaio da Nóvoa, que me incentivou a candidatar-me através dos Maiores de 23. Comecei a frequentar o curso de Direito em regime de avaliação final. Mas, à medida que ia aprofundado os meus estudos, fui-me envolvendo cada vez mais, obtendo bons resultados, e comecei a desafiar-me: que conseguiria academicamente atingir se me empenhasse? E o que atingi não só foi superior ao que tinha atingido em Medicina Dentária, como nunca mais me libertou. Fiz o mestrado, o doutoramento está suspenso por causa do exercício de funções públicas, e sou assistente convidado na Faculdade de Direito.

ULISBOA O associativismo é importante para quem quer seguir uma carreira política?

AMC O associativismo é importante por si só, seja ou não o vestíbulo de uma intervenção cívica ou política. É um espaço natural para os estudantes se envolverem na sociedade. É importante que os estudantes não se concentrem apenas em obter resultados académicos, numa competitividade quase furiosa por uma empregabilidade su-

perior à do colega. Isso é trágico no mundo universitário. O associativismo estudantil dinamiza competências que a universidade não tem capacidade de fornecer por via da educação formal. Foi o que mais intensamente caracterizou a minha passagem pela Universidade de Lisboa. Nas duas licenciaturas, fui dirigente associativo durante 11 anos e exerci todas as funções de representação estudantil dentro da Universidade. Não foi o associativismo que me politizou, eu já fui politizado para o associativismo; sou politizado desde que me lembro.

ULISBOA O que faz o Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros?

AMC É um dos cargos mais cinzentos, mas faz muita coisa. Coordena todo o processo legislativo do governo – quando um ministro ou uma ministra decide legislar, é à Presidência do Conselho de Ministros que envia a sua proposta, que tem aqui o seu primeiro crivo de validade; a partir daí, é tramitada através da Presidência do Conselho de Ministros, até ser publicada em *Diário da República*. Tutela o *Diário da República Eletrónico*, o centro de gestão de rede informática do governo, a secretaria geral da Presidência do Conselho de Ministros, o centro de competências jurídicas do Estado, o JurisAPP, responsável pelo apoio jurídico a todos os organismos integrados na Presidência do Conselho de Ministros; coordena o contencioso judicial do Estado; presta apoio a 23 gabinetes governamentais; coordena cinco programas orçamentais, alguns dos quais de grande dispersão,



«O associativismo estudantil dinamiza competências que a universidade não tem capacidade de fornecer por via da educação formal.»

como é o caso das Infraestruturas; presta apoio a mais de 90 entidades da administração pública; e pode, por autorização do secretário de Estado, prestar apoio a outras áreas governativas. Tem uma função de coordenação da ação do governo em matérias sobretudo jurídicas, seja a produção legislativa e as deliberações colegiais do governo, seja o contencioso e as estruturas transversais de suporte à ação governativa.

ULISBOA Como se caracterizaria profissionalmente, tendo em conta os cargos que já desempenhou, e com funções tão diferentes, em tão pouco tempo?

AMC A resposta é óbvia: versatilidade. Perguntam-nos desde cedo: «Que queres ser quando fores grande?» A nossa cultura orienta-nos para nos caracterizarmos não pelo que somos, mas pelo que fazemos. É um absurdo, porque nos dilacera face à nossa própria identidade. Gosto de transformar instituições e de entrar em projetos que tenham essa vocação transformadora. Quando sinto que esse papel se esgotou e que a instituição entrou em velocidade de

cruzeiro, tendo a procurar outro desafio que me estimule no que eu penso serem as minhas melhores qualidades. Nunca me veei a possibilidade de acompanhar as oportunidades que me eram facultadas, sempre com um compromisso comum: a vocação para o serviço público. Trabalhei muitos anos no privado, mas não encontro aí o mesmo nível de realização. A diversidade das minhas qualificações, obtidas fundamentalmente na Universidade de Lisboa, permite-me aceitar desafios diferentes. Nunca tive a pretensão de me especializar numa matéria, o que pode chocar a nossa cultura institucional dominante. Se todos forem especialistas, ninguém terá a capacidade de olhar para o quadro global, compondo os interesses divergentes. Tem de haver generalistas. Ao focarmo-nos apenas num tema, corremos o risco de, ao sair dele, ficarmos completamente desconfortáveis ou desinteressados, e isso para mim não é aceitável. Prefiro olhar para o mundo na sua fantástica capacidade de nos ensinar alguma coisa todos os dias.

ULISBOA Acha que a ambição é mal vista?

AMC A ambição é mal vista desde Roma. O primeiro crime em Roma, ligado ao exercício de funções públicas, era a *ambitio* – a própria palavra nasce para descrever uma atitude criminalizada, relacionada sobretudo com a compra de votos nas assembleias do *populus romanus*. O que importa não é a expectativa que as pessoas têm relativamente ao seu próprio percurso, é a maneira como se comportam. E isto tem uma resposta na ética do serviço público. Ou seja, as pessoas não podem ter uma ambição que as leve a prejudicar outros para a concretizar. Acima de tudo, espero ter sempre a capacidade de distinguir quando estou mais bem posicionado para cumprir uma função em face de terceiros. A ambição pela ambição, ou a vontade de querer exercer um cargo de poder quando não se tem nada a acrescentar, é trágica, e até patética. Espero não ultrapassar essas fronteiras.

«Quem pertence a uma minoria tem de ter uma grande energia para se dar permanentemente ao respeito.»

ULISBOA Estudou piano na Academia de Amadores de Música e integrou o Coro Sinfónico Lisboa Cantat. Há lugar para a música na sua vida?

AMC Há imenso lugar para a música na minha vida. Não imaginam a importância de um piano durante uma pandemia. Não ouço música como a generalidade das pessoas, porque não serve para me distrair, é antes um momento de enorme concentração. A ideia de música ambiente é-me estranha. O Fernando Lopes Graça conta um episódio em que recebe uma visita, enquanto escutava música com um aluno. A visita vinha com imensa vontade de conversar e eles ainda não tinham terminado de escutar a música que estavam a ouvir, o que levou Lopes Graça a pedir-lhe: «Ou falamos ou ouvimos música.» Eu sinto a música dessa maneira, absorve-me, puxa-me para fora de todos os outros aspetos da vida, felizes ou tristes. É-me insuportável trabalhar com música. Ou trabalhamos ou ouvimos música.

ULISBOA Continua a tocar piano?

AMC Estive muitos anos sem tocar. Interrompi os meus estudos musicais depois de ter entrado para a Universidade, a meio de Medicina Dentária, e estive até há pouco tempo afastado da execução, embora sempre ligado à música como ouvinte. A certa altura, decidi voltar a tocar. Não recuperei totalmente a técnica, mas reconciliei-me com o piano e com o canto. Toco em casa, tentando superar os desafios que coloco a mim próprio.

ULISBOA Em pleno século XXI, ainda existem cerca de 70 países que punem a homossexualidade como crime. Em Portugal, felizmente, isso não acontece, mas a homofobia persiste. Por que razão isto ainda acontece? Como se combate o preconceito?

AMC Não sei exatamente porque é que a homofobia existe. Acho que é um jugo do qual a sociedade se libertará, mas ainda há algum caminho para lá chegar. O que é que podemos fazer? As pessoas públicas viverem a sua homossexualidade com naturalidade. Sou o primeiro membro do governo casado com uma pessoa do mesmo sexo e não faço disso especial alarde público, mas também não sinto que seja apenas um aspeto da minha vida pessoal. E espero que isso possa significar, para os jovens portugueses, que não estão condenados a um ostracismo. Se houver um jovem que, pelo meu exemplo, se possa sentir mais livre para viver a sua orientação sexual abertamente, eu ficaria muito feliz. Nunca me senti vitimizado em razão da minha orientação sexual, mas tenho consciência de que, sendo de Lisboa e de um contexto social e familiar progressista, a minha experiência não se compara com a de outras pessoas homossexuais. Não nos podemos permitir vitimizar-nos, e devemos desarmar os nossos adversários vivendo abertamente a sexualidade. Ninguém me pode aviltar em função da minha orientação sexual, porque não o admito. Se alguém me aviltar, não me posso sentir diminuído – sinto, pelo contrário, que o outro é diminuído. Enquanto sociedade, temos de perceber que existe diversidade e que as pessoas não são diminuídas por integrarem uma minoria, de índole sexual ou outra. E quem pertence a uma minoria tem de ter uma grande energia para se dar permanentemente ao respeito.

ULISBOA Enquanto político, como vê o crescimento de movimentos de extrema direita?

AMC Com preocupação. A extrema direita apela ao que de mais básico exis-

te nas pessoas. Caem no argumento fácil que não é sustentado pelos factos. Um argumento sofisticado e racional obriga a um esforço e a um dispêndio de energia muito maiores. É mais fácil aceitar imediatamente a informação simplista que colhemos nas redes sociais; validar fontes, pesquisar e ter pensamento crítico dá muito trabalho. Isso é notório mesmo entre pessoas qualificadas. Temos de ter a capacidade, enquanto sociedade, de sermos mais exigentes e promovermos o pensamento crítico nas novas gerações. É estimular a participação cívica e política. Temos de construir uma sociedade civil participativa, democrática e livre, capaz de fazer, com elevação e serenidade, os debates que importam ao país e ao mundo. Não podemos continuar a ter mais espaço de debate televisivo sobre futebol do que sobre o que verdadeiramente afeta a vida das pessoas.

ULISBOA Que mensagem gostaria de deixar aos jovens que estão a iniciar o seu percurso académico?

AMC Envolvam-se. Compreendam que a vida não é só casa-universidade-casa, e que a universidade não é só a sala de aula e a biblioteca, mas é também um espaço de vivência coletiva e de formação pessoal amplo. Envolvam-se no movimento associativo ou em atividades de voluntariado. Ou mesmo num partido político. Para a geração que agora entra, e dadas as contingências da pandemia, a situação vai ser particularmente difícil, mas é por isso que também é particularmente importante. Preocupem-se com o que está à vossa volta e disponibilizem-se para participar na sua mudança para melhor. •

À DISTÂNCIA DE UM ECRÃ

O ENSINO REMOTO DE EMERGÊNCIA

Aconteceu em março, mas parece que foi há mais tempo que professores e estudantes universitários de todo o mundo deixaram os seus espaços habituais de ensino e investigação e foram para casa trabalhar e estudar.



Os professores das Escolas da ULisboa com quem falámos foram unânimes em afirmar que a adaptação ao ensino remoto foi rápida e, na maioria dos casos, simples. Alguns mencionaram um défice de formação digital por parte de professores e estudantes;

não obstante, uma semana após a suspensão das aulas presenciais, o ensino remoto estava em ação. Isso aconteceu, em parte, porque muitos dos programas e sistemas usados estavam já disponíveis, embora pudessem ser desconhecidos. Quando analisamos o segundo semestre do ano passado, o

Vice-reitor Carlos Ribeiro esclarece que, mais do que criar novas soluções, se procurou ensinar a comunidade académica a usar as ferramentas existentes: «Tivemos de intervir mais nas pessoas do que nos sistemas.» O mesmo referiu Hugo Miranda, professor do Departamento de Informática

da Faculdade de Ciências: «O desafio para os informáticos é pôr as pessoas a utilizar as ferramentas.» Alguns sistemas de gestão da aprendizagem, como o Moodle ou o Fenix, eram já usados facultativamente, como complemento às aulas presenciais. Ao mesmo tempo, foi necessário melhorar o desempenho dos sistemas, para garantir, por exemplo, que milhares de estudantes conseguissem fazer a autenticação numa plataforma.

Convém clarificar, afirma Neuza Pedro, professora do Instituto de Educação e coordenadora do Gabinete de *e-learning* da ULisboa, que é impreciso falar em *e-learning* ou educação *online* quando nos referimos às práticas que as universidades seguiram desde março. Por se tratar de uma resposta a uma crise social, sanitária ou cataclística, o conceito mais correto é o de *Emergency Remote Teaching* – Ensino Remoto de Emergência, ou *ERT*. O *e-learning*, enquanto área de atuação e de investigação, estuda e implementa as melhores soluções para o processamento e estruturação da informação no cérebro humano (do ponto de vista cognitivo, sabe-se que a aprendizagem *online* é mais exigente). Na sua forma mais pura, explica a professora, o *e-learning* baseia-se em tecnologia assíncrona e pode incluir trabalho não virtual – por exemplo, envio de trabalhos escritos, à semelhança do que se fazia no ensino por correspondência. Já o ensino remoto de emergência é sobretudo alicerçado em tecnologia síncrona: as aulas são dadas em tempo real, por videoconferência.

Em diálogo permanente com a FCCN (Fundação para a Computação Científica Nacional) e outras universidades nacionais e internacionais, as Escolas da ULisboa puderam escolher entre várias opções disponíveis para este modo de ensino. Houve sempre entrelaçada e partilha de experiências entre colegas, muito diálogo e discussão, refere Carlos Ribeiro, concluindo que a Universidade é «mais do que uma federação de Escolas». Embora as experiências e os métodos tenham sido variados,

quase todos os professores deram as suas aulas no horário habitual. No Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, usou-se inicialmente o Zoom (cuja licença provém da FCCN) e, mais tarde, instalou-se uma plataforma com servidores do próprio *campus*, integrada com o Moodle, o BigBlueButton, o que facilitou a seleção dos alunos que acediam a determinada unidade curricular. Na Faculdade de Ciências usou-se o Zoom e o Moodle; este último, explica Hugo Miranda, sofreu um grande incremento, já que foi usado de modo mais bidirecional. No Instituto Superior de Economia e Gestão, como explica Jesualdo Fernandes, professor e assessor da presidência para sistemas de informação, optou-se pelo Microsoft Teams para facilitar a autenticação dos estudantes, dado que toda a comunidade académica da ULisboa tem, há vários anos, uma licença do Microsoft Office 365. A informação necessária à criação de um *team* era extraída do AQUILA, a versão do Fenix usada pelo ISEG. Os estudantes eram convidados para o *team*, administrado pelo professor, sem que fosse necessário marcar reuniões. Escolhida essa solução, fez-se e publicou-se um conjunto de vídeos explicativos sobre a sua utilização.

Na Faculdade de Motricidade Humana, além do Zoom e do BigBlueButton, usou-se o Panopto, ferramenta que permite a gravação de aulas em vídeo, os quais são disponibilizados diretamente no Moodle. Como explica Carlos Ferreira, diretor do Centro de Informática da FMH, evitou-se assim que os estudantes tivessem de andar à procura de ficheiros ou *links*; as próprias aulas síncronas, mesmo que dadas no Zoom, eram gravadas e guardadas no Panopto. Esta ferramenta, acrescenta Carlos Ribeiro, permite que os alunos façam uma pesquisa no vídeo, por palavras, dos temas abordados em aula. Não houve aulas práticas na FMH no semestre transato, por não ser possível evitar o contacto físico entre os estudantes.

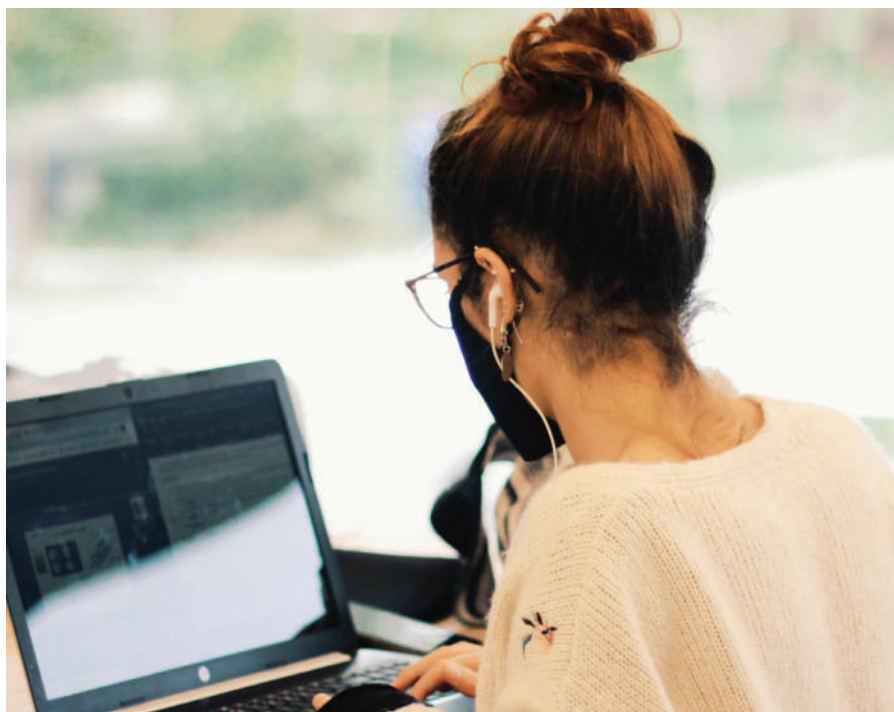
Pelas suas características, também a Faculdade de Medicina teve em mãos um grande desafio. Joaquim Ferreira, profes-



© David Schwarzenberg / Wikimedia Commons

«Há componentes que fomos forçados a aprender que nos vão permitir enriquecer o ensino presencial.»

Jesualdo Fernandes, ISEG



«As avaliações foram a grande causa de stresse nesta pandemia.»

Carlos Ribeiro, Vice-reitor

sor de Neurologia e Farmacologia Clínica e presidente do Conselho Pedagógico, refere que o privilégio de a Faculdade estar num *campus* com um hospital universitário e um instituto de investigação biomédica se converteu num problema num período em que os doentes fogem dos hospitais: «Assim, é difícil fazer formação médica, numa Escola em que os alunos devem conviver com doentes e observá-los, supervisionados por docentes.» Embora tenha sido possível, no semestre passado, iniciar um programa curricular à distância em apenas dois dias, há algo que dificilmente se substitui: o contacto dos alunos com os doentes. Pense-se que o sexto ano de Medicina é profissionalizante, assente em estágios em hospitais ou unidades de saúde.

No Instituto Superior Técnico, a flexibilidade foi fundamental, como realça Raquel Aires Barros, presidente do Conselho Pedagógico. Do inquérito realizado semana e meia após a suspensão do ensino presen-

cial, resultou que 99 % dos docentes deram as aulas por Zoom. Pouco tempo depois, foi criado o SaRTRE [*Sharing Remote Teaching and Research Experiences*]: <https://sartre.tecnico.ulisboa.pt/>. É um site que dá indicações aos docentes sobre as aulas e a avaliação remotas, permitindo-lhes, através de um fórum, que partilhem as suas experiências pedagógicas. Recorreu-se também aos MOOC [*Massive Online Open Courses*], em que os docentes produzem materiais, cursos ou módulos de disciplinas, consultados pelos estudantes. As aulas práticas e de laboratório, durante o confinamento, foram também remotas, e muitos professores fizeram vídeos de demonstração de experiências. Para a professora, a gestão do tempo tornou-se mais difícil; os docentes produziram muito material pedagógico e procuraram estar mais disponíveis para os estudantes, o que colocou uma carga maior na docência. Por outro lado, os estudantes sentiram-se mais autónomos na organização do seu estudo, tendo podido aceder a uma grande variedade de materiais.

Neuza Pedro não hesita em reconhecer que, em tempos de crise, o ensino remoto de emergência foi a solução adequada; as aulas síncronas terão dado aos alunos um sentido de continuidade e normalidade nas práticas estabelecidas, diminuindo o sentimento de rutura e distanciamento. Mas o distanciamento sentiu-se. Uma das queixas dos docentes? O facto de os estudantes não ligarem as câmaras. Disso nos deram conta Carlos Ribeiro, Jesualdo Fernandes e Hugo Miranda. Este último refere a necessidade de os docentes verem as caras e as reações dos alunos, os quais tendem a ser menos participativos nas aulas remotas. Como relata, «eles estão lá, mas não os vemos, sentimos que falamos para um monitor». Ricardo Ramos Pinto observa ainda que as aulas «adquiriram uma dinâmica mais expositiva, o que penaliza a aprendizagem».

De todos os desafios apresentados pelo ensino remoto, a avaliação ocupou os luga-

res cimeiros. Como Carlos Ribeiro confessa, «as avaliações foram a grande causa de stresse nesta pandemia». À ansiedade dos estudantes, que não sabiam como iam ser avaliados, juntou-se a dos professores: como avaliar à distância? Como encontrar métodos de avaliação justos e fiáveis? Destas perguntas não surgiu uma resposta, mas várias.

A Faculdade de Medicina adotou um sistema de avaliação digital desenvolvido pela Universidade do Minho, o *Quiz One*, com uma *interface* que permite avaliação remota com controlo de vídeo, minimizando assim a possibilidade de fraude. No caso dos estudantes de medicina, há, contudo, outros elementos a ponderar, como Joaquim Ferreira explica: «Como avaliamos as competências de um aluno para fazer uma entrevista clínica a um doente, numa abordagem em contexto real?» De acordo com os resultados globais das Escolas da ULisboa, a variação nas notas do segundo semestre de 2019/20 não foi acentuada quando comparada com anos anteriores, mas a preocupação com este aspeto da vida académica persistiu. A 29 de setembro, o Reitor emitiu um despacho que determinou a realização presencial de qualquer prova de avaliação escrita neste ano letivo agora iniciado. E se cerca de 50 % dos estudantes demonstraram satisfação com a possibilidade de manter as aulas teóricas em modo remoto no futuro, nenhum hesitou ao afirmar preferir um regresso ao modo presencial de avaliação.

Houve necessidade de formar os professores nos métodos de avaliação não presencial, e o ISCSP conseguiu preparar uma formação em parceria com a Universidade Aberta sobre avaliação *online*. Foi

utilizado o Moodle para testes e trabalhos de avaliação, e nos testes alguns professores mantiveram ativa uma sessão de videoconferência para esclarecimento de questões, tentando replicar o ambiente da sala de aula. Sobretudo houve a tentativa, explica Ricardo Ramos Pinto, de reformular não apenas o suporte, mas também os elementos avaliativos, criando uma avaliação contínua, assente em mais do que um teste *online*. Há transformações que foram aceleradas pelas condições impostas pela pandemia, mas que já vinham anunciando a sua necessidade. O IST também apostou na formação dos professores para o uso de ferramentas digitais, em particular das que podem ser usadas no âmbito da avaliação contínua, como Google Classroom, Socrative, ExonlineX. O objetivo é permitir a avaliação dos estudantes por meio de pequenos testes, seminários e projetos.

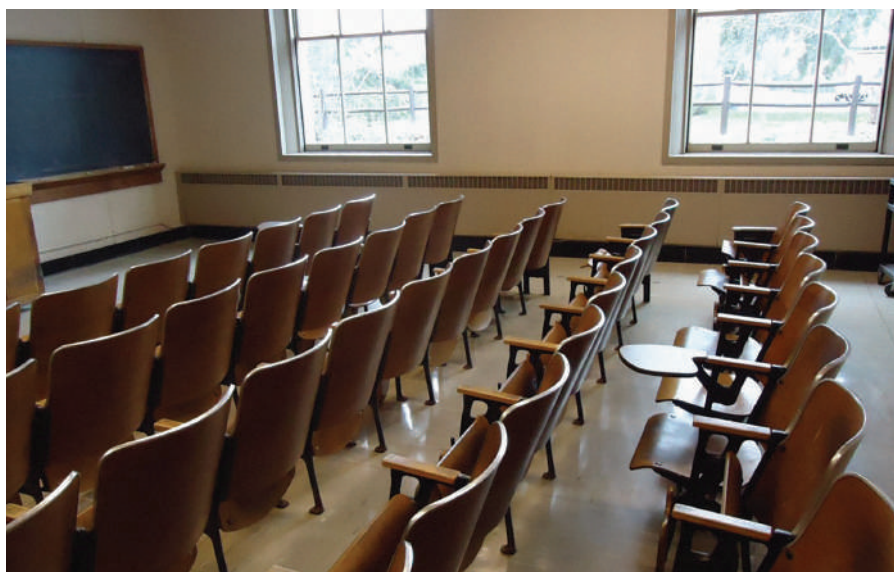
Na Faculdade de Ciências, Hugo Miranda garante que há soluções que vão decerto permanecer: «Há dois anos que tentávamos convencer os professores a fazer a avaliação *online*: em vez de sentar os alunos numa sala com papel e caneta, sentá-los nas salas com computadores, que estão preparados para bloquear o acesso a qualquer outro conteúdo que não o exame.» O Moodle permite a construção de exames de resposta múltipla e com questões de desenvolvimento, e as vantagens são inúmeras. O tempo exigido na construção das questões é compensado por ser criado um banco de perguntas onde é possível ir buscá-las sempre que necessário, e pela rapidez na correção dos testes e no lançamento das notas. A transparência do processo é

outro fator a considerar, visto que os estudantes têm acesso imediato à resposta dada e à resposta correta. No que toca ao papel, há dois grandes benefícios: diminui-se a quantidade gasta (todos os anos, em janeiro e em junho, o número de impressões da Faculdade dispara em flecha) e o volume do arquivo físico. Carlos Ferreira, da FMH, contou-nos que numa universidade do Texas, que visitou, foi proibida a impressão em papel. A cada professor era permitido imprimir um máximo de 100 folhas por ano, testes incluídos, sendo qualquer excedente retirado diretamente do ordenado. No primeiro ano, pouparam 10 milhões de dólares, investidos em meios informáticos. «Eu acho que este é o caminho», afirma.

Com métodos de avaliação não presencial, surgiu a questão inevitável: a hipótese de um aumento de fraude. Raquel Aires Barros sublinha: «Acredito nas pessoas, acredito na responsabilidade; até prova em contrário, acredito que temos alunos excelentes, que assinaram um compromisso de honra em todas as avaliações e que o cumpriram.» Mas a preocupação, e o problema, persistem, e Carlos Ferreira defende que a resolução não assenta num avanço tecnológico dos métodos antifraude, antes numa mudança na educação: «Há uns anos, um aluno da FMH esteve na Dinamarca. Num teste, o professor retirou-se da sala e os alunos ficaram sem vigilância. Numa das perguntas, este aluno recorreu a uma “mnemónica de ajuda”. Assim que o fez, o estudante atrás dele, e que até era seu colega de quarto, foi chamar o professor. O aluno foi levado ao diretor, que ligou ao diretor da FMH, explicando-lhe que o aluno teria de

«O desafio para os informáticos é pôr as pessoas a utilizar as ferramentas.»

Hugo Miranda, Faculdade de Ciências



«Os alunos no início da licenciatura precisam de contacto, de experiência.»

Neuza Pedro, Instituto de Educação

regressar porque o seu comportamento era inadequado. Enquanto não passarmos este tipo de cultura aos nossos estudantes, não vamos resolver os problemas de fraude.»

Sendo certo que a avaliação será realizada em regime presencial, como estão a decorrer as aulas no início deste novo ano letivo? Uma vez mais, os regimes variam de acordo com a Escola, mas convergem num ponto, resumido por Neuza Pedro: «Estamos a aprender, fazendo, o que é muito exigente.»

E há casos mais exigentes do que outros, como o das aulas práticas. A imagem que temos de uma aula prática em medicina, de vários estudantes à beira da cama do doente observando os procedimentos do médico e tirando notas, foi transformada. Na Faculdade de Medicina, estas turmas passaram de

seis alunos para dois, equipados com máscara, bata descartável, e sujeitos a medidas de minimização de risco: cabelo apanhado, sapatos fechados, e sem anéis, brincos ou objetos que possam ser fonte de contágio, como telemóvel, bloco de notas ou caneta. A observação presencial do doente é filmada e projetada em tempo real para os restantes alunos da turma que se encontram num anfiteatro. O tempo total de exposição dos alunos a doentes em contexto de aulas práticas clínicas é menor, porque o sistema é rotativo, mas Joaquim Ferreira é perentório: «Todas as rotinas mudaram e temos de viver com isso o melhor que conseguirmos. Existe alternativa? Não.»

Num ambiente diferente, mas igualmente de risco, está a prática desportiva. Na

FMH, como resolver a questão da proximidade, do contacto direto, da bola que passa entre mãos? Foram seguidas as normas da Direção-Geral da Saúde para o efeito, estando neste momento as aulas práticas a decorrer com as devidas restrições. As turmas foram divididas ao meio; em três aulas por semana, à primeira aula assiste presencialmente metade da turma, à segunda aula a outra metade, e a terceira aula é teórica. Também aqui o tempo total de aula teve de ser diminuído. Neuza Pedro defende que a solução ideal seria reestruturar os cursos, e não apenas as unidades curriculares, adaptando-os ao ensino à distância e considerando o grau de ensino. Isto para responder a uma realidade desde logo identificada, a diferença entre os estudantes de licenciatura e os de pós-graduação: «Os alunos no início da licenciatura precisam de contacto, de experiência, e precisam de uma estrutura relativamente estreita e estática, dado que a apropriação das novas regras e condutas universitárias se adquire nesses primeiros anos.» A diminuição da interação social imposta pelo regime remoto pode ser precavida, tentando replicar *online* o que seria o intervalo da aula, para que estudantes, e professor, possam conviver.

No que diz respeito a aulas práticas de outro tipo, como as aulas laboratoriais, Hugo Miranda revelou que a Faculdade de Ciências já estava apetrechada com equipamentos ainda pouco explorados que passaram a uso pleno, como a câmara incorporada nos microscópios que permite captar e transmitir as observações. No geral, foi adotado um regime a que se chamou modelo síncrono alternado: os alunos foram divididos entre pares e ímpares, em que os alunos pares se deslocam à Faculdade numa semana, e os ímpares na seguinte. Diminuiu-se assim o fluxo de pessoas, mas mesmo a metade dos alunos presente tem aulas presenciais e não presenciais, ou seja, pode estar na Faculdade a assistir a uma aula a ser dada em modo síncrono. Isto acontece sobretudo em aulas

teóricas, e existem salas preparadas para o efeito, com um QRCode na porta ligado a um site onde é registada a lotação.

O ISEG também adotou a divisão dos alunos entre pares e ímpares e conseguiu implantar uma solução mista. Em cada sala foram instalados uma câmara e um microfone, ambos de alta resolução, para permitir que a aula seja dada em simultâneo aos alunos em sala e aos que estão em casa. Esta câmara permite enquadramentos diferentes, mais ou menos próximos do quadro e do professor, para que os alunos em casa tenham uma perspetiva o mais próxima possível do ambiente em sala de aula. A cada turma foi atribuída uma sessão *Teams*, onde são partilhadas as projeções em sala de aula e as anotações escritas pelo professor no OneNote e no Whiteboard.

O ISCSP optou não pela divisão dos

alunos, mas do semestre. Assim, só metade das unidades curriculares funciona em simultâneo, aliviando a ocupação das instalações e a carga de professores e alunos. As soluções encontradas têm de ser flexíveis, facilmente adaptáveis a uma nova situação de interrupção das atividades presenciais. Caso tal aconteça, só metade das unidades curriculares serão afetadas, já que também a avaliação é realizada na metade correspondente do semestre. Ricardo Ramos Pinto explica que, assim, «os alunos têm as aulas num modelo mais concentrado, com um tempo letivo *online* e dois tempos letivos presenciais por semana. Caso tenhamos de reduzir significativamente o número de alunos em sala, os dois tempos letivos presenciais permitem-nos dividir a turma ao meio e termos um tempo letivo presencial para cada sub-

turno». Os estudantes vão ao Instituto em horários desfasados, de manhã ou de tarde, e cada turma tem uma sala fixa, apenas o professor muda, método que facilita a higienização.

Todos os professores ouvidos concluem que o contacto presencial é importante quer entre professor e estudante, quer entre estudantes. Carlos Ribeiro notou ainda que muitos alunos se sentiram sozinhos por não terem os colegas ao lado. Mas, por maior que seja a vontade de regressar à sala de aula, a verdade é que as soluções encontradas para ensinar e aprender fora do modo tradicional têm sido funcionais e trazido benefícios. Jesualdo Fernandes não hesita em afirmar que «há componentes que fomos forçados a aprender e a utilizar que nos vão permitir enriquecer o ensino presencial». É por esse futuro que todos ansiamos. •

BOAS PRÁTICAS

A par da lecionação, houve outras atividades que tiveram de se adaptar ao regime remoto. É o caso do programa de tutorado do Núcleo de Desenvolvimento Académico (NDA) do Instituto Superior Técnico, coordenado por Isabel Gonçalves, psicóloga clínica e educacional. O programa de tutorado, criado pelo NDA, atribui a cada novo aluno um tutor – um professor do seu curso que o acompanhará ao longo do percurso no IST.

A área de ação do NDA tem vindo a diversificar-se e um dos projetos mais bem-sucedidos dá pelo nome de *Shaping the Future*. Consiste no acompanhamento e desenvolvimento dos docentes que en-

tram pela primeira vez para o IST, um programa na esteira dos que são feitos em Escolas de referência internacionais para integração de novos professores. É composto por observação de aulas, acompanhamento dos novos professores por professores catedráticos ou associados com agregação, e por uma formação de três dias, num sistema de imersão. A observação de aulas ganha nova relevância quando os métodos mudam. No início da pandemia, as observações foram suspensas, mas rapidamente tiveram de ser retomadas, dado o número de professores que o pediram. A grelha de observação foi adaptada ao formato *online* e o programa continua ativo neste novo ano letivo. O NDA esteve também na origem e continua a colaborar com

o programa Observar & Aprender, em que a observação das aulas é feita entre pares, um programa que se estende a toda a ULisboa.

Foram também organizadas formações sobre inteligência emocional *online*, com o desafio acrescido de serem dadas no formato sobre o qual refletem. Um dos exemplos que Isabel Gonçalves dá é o de colocar todos os alunos a contribuir no Whiteboard: «Que tem isto a ver com inteligência emocional? Muito. As pessoas estão a produzir um objeto, estão todas a cooperar para o resultado final.»

Em 2019, três elementos do NDA participaram na equipa galardoadada com o Prémio Boas Práticas em Psicologia – Sul, pelo projeto *Working@Técnico*, sobre a avaliação de riscos psicossociais no IST.

Para saber mais sobre o projeto *Shaping the Future*: <http://shapingthefuture.tecnico.ulisboa.pt/>

MARIA FILOMENA MOLDER

Filósofa, professora, foi aluna da Faculdade de Letras.
Recebeu-nos nos jardins da Fundação Calouste Gulbenkian,
entre patos, canaviais e um pouco de sol a mais.

Fotografias © José Bértolo



U LISBOA A ideia de ser entrevistada é-lhe irresistível?

MARIA FILOMENA MOLDER É mesmo. É irresistível falar com pessoas e discutir assuntos. É uma surpresa constante. Gosto da ideia de ter um bocadinho de medo, e de o vencer. Gosto de estar na expectativa, que é muito vasta, porque há elementos que imagino que possam entrar na entrevista, mas há outros que não posso imaginar. Isso é muito atraente para mim! [Risos] Gosto desse desafio.

ULISBOA Diz que a sua maior insegurança é dar-se a conhecer. O que é dar-se a conhecer? Que dificuldade é esta de oferecermos o que somos aos outros?

MFM Não tenho a certeza se ofereço o que sou aos outros. Nunca pensei nisso. Mas tenho muitas dificuldades em dar-me a conhecer. Não tenho confidentes, não telefono a ninguém a contar um problema. São raras as pessoas com quem tenho intimidade, mais claramente a minha família: o Jorge, as minhas duas filhas, os três netos. E alguns, muito poucos, amigos. A intimidade significa que, se não queremos falar, não falamos e ninguém pergunta: «O que tens?» Significa poder comunicar uma dor ou apresentar com muita veemência uma alegria. Quando falamos com alguém, há logo um movimento incontrolável de representação teatral. Numa entrevista, estou decidida a não mentir, a dizer espontaneamente, ou mais reflectidamente, aquilo que responderá à pergunta, sem fazer intervir nenhuma precaução. Dou-me a conhecer mesmo que não queira. Todas as precauções serão assinaladas, pelos gestos, pelas pausas, pelas palavras que evitamos ou que emendamos. É muito difícil – e eu não quero que isso aconteça – enganar, se o entrevistador estiver decidido a não ser enganado. Mas dar-me a conhecer no sentido voluntário é o que menos quero.

ULISBOA Cada pessoa tem uma essência, uma identidade inescapável, a que deve chegar?

MFM Não gosto dessa imagem de construção. Acho que não se constroem identida-

des. Há tanto acaso, tanto factor incontrolável, tanta herança, que a imagem da manta de retalhos é melhor. É uma manta que não está acabada, e em que os retalhos se podem romper. Às vezes estão mal cosidos e deixam abrir rasgões, deixam ver coisas que não estavam previstas. [Pausa longa] Percebemos que as crianças e os filhos que educámos são todos diferentes, mesmo filhos do mesmo pai e da mesma mãe. Os psicólogos dirão, e com razão, que os pais nunca serão iguais com os filhos que têm: os anos passaram, os desejos foram ou não preenchidos, há coisas que não estavam previstas e que aparecem... Independentemente disso, percebemos que há uma espécie de resistência de cada um, ou uma perseverança, como diria Espinosa, em ser a sua própria força. Vejo menos essência e mais força. Mais tendência, persistência. Há qualquer coisa que não podemos avaliar e esmiuçar, que é a origem dessa força de existir de cada um e que se expressa de maneiras muito diversas. Isso configura um esboço que nunca está completo. Nietzsche tem uma expressão peculiar, «tornar-se aquilo que se é», justamente não sabendo aquilo que se é. Se se sabe aquilo que se é, é um programa, uma planificação – isso não tem nada a ver com estar vivo. Estar apto, estar disposto a tornar-se o que se é, é uma grande aventura, porque não há nenhuma determinação daquilo que se é, a não ser como um enxame de forças, hierarquizadas. No nosso tempo, que teme tanto as hierarquias, lê-se pouco Nietzsche, ou não se diriam certos disparates. Ele ensina uma coisa trivial: estamos sempre a hierarquizar, estamos sempre a tomar decisões. O perigo está em não fazer a boa hierarquia. O que contribui para aceitarmos a nossa própria vida, a força de viver que nos coube em sorte? O que é mais importante para mim? Às vezes escolhemos porque estamos com pressa, porque alguém nos está a empurrar. São muito raras as vezes em que somos nós a escolher, sem um estímulo. Viver no Facebook é uma vida que se restringe a ser uma reacção a um estímulo. Para Nietzsche, isso é a vida

de um doente, é uma vida doente, a que se estabelece exclusivamente sobre respostas a estímulos. Para ele, o tal enxame de forças não é um caos, está estabilizado em várias ordens e há umas mais fortes do que outras. Temos de respeitar essa força. É como impedir que um canhoto escreva, ou faça as suas tarefas, com a mão esquerda – está a impedir-se algo de se desenvolver harmoniosamente. Às vezes é a sociedade inteira que nos empurra, na imagem que forja do tempo em que estamos, que nos força a tomar atitudes que geram arrependimento. Mas voltar atrás com remorsos já não é Nietzsche. Ele olha para o que vem a seguir, que tem sempre a ver com a fidelidade àquilo que se é sem se saber o que se é, a não ser esse enxame de forças que procuramos sempre hierarquizar, tentando libertar-nos. Ver-nos livres dos lugares-comuns, das pressões inauditas a que as moralidades estabelecidas, às vezes parecendo muito elevadas, nos obrigam. Não é apenas o indivíduo que está em causa, é também uma espécie de conferência com uma comunidade possível de espíritos livres.

ULISBOA Só estando absolutamente presentes no ato da escolha podemos cumprir-nos em vida?

MFM Sem dúvida. A ideia de estar presente é boa porque afasta qualquer tentativa de remediar o que já se fez, em vez de entender que cada momento da vida pode ser uma maneira de vencer dificuldades que não se conseguiram vencer antes. Em vez de olhar para trás, lamentando, é melhor olhar para diante. Nietzsche fala muito de futuro, mas não é um futuro utópico, tem a ver com uma aspiração, uma expectativa dessa comunidade de seres humanos livres.

ULISBOA Pertence a essa comunidade? Sente que está a cumprir-se?

MFM [Pausa longa]

ULISBOA Que fez escolhas e as hierarquizou bem?

MFM Nem sempre, nem sempre... A comunidade dos homens livres não está estabelecida, é um anseio que está presente,

sempre, não como uma coisa que um dia se irá realizar, mas como uma coisa que é possível realizar, enquanto eu estou a agir. Eu não estou nada satisfeita. [Risos]

ULISBOA Mas procura tornar-se aquilo que é?

MFM Não penso nisso muitas vezes. Penso na dificuldade em hierarquizar. Mas eu não sou Nietzsche. Nietzsche tinha uma compreensão aguda de que a vida é dor, e a única coisa que pode opor-se a isso é experimentar a alegria. Eu procuro experimentar a alegria. Tendencialmente, sou pessimista, mas procuro que os pequenos encontros dos meus dias sejam preenchidos com alegria. [Ouve-se o apito de um amolador.] Eu também penso que a vida é dor. Dizer que a vida é dor não é caluniar a vida, é perceber que há um fundo inesgotável e incompreensível da vida, o poço da vida, que é insondável como continente de perdas e de angústias. Contra isso, nada de autofustigar-se. Contra isso, procurar a alegria. Ter alegria consigo próprio, satisfazer-se consigo próprio, ele aprendeu isso com Espinosa. É uma coisa muito difícil, gostar de si próprio, e Espinosa é o filósofo que tem essa força, esse poder maravilhoso de falar da alegria e da tristeza, a alegria como expressão do aumento de intensidade da nossa vida e a tristeza como expressão da retracção da intensidade da nossa vida. Amar-se a si próprio ou satisfazer-se consigo próprio é uma condição de tornar-se aquilo que se é.

ULISBOA Uma mulher tem de aceitar a mãe para se cumprir enquanto mulher?

MFM Isso é condição da vida de qualquer um, seja homem ou mulher! [Risos] É uma condição da existência. A minha mãe é a fonte da minha vida, e é uma imagem. A mãe é uma imagem. As imagens da maternidade, do parto, da gestação, são muito poderosas para dar conta da lentidão, do crescimento, de uma coisa nova, da surpresa, do milagre. Hoje esse carácter inesperado está diminuído, mas nunca pode ser anulado. Nietzsche utiliza imensas imagens da criatividade fi-

siológica feminina para falar da criatividade humana, do espírito dionisíaco. O ímpeto dionisíaco não é sexual, e é pessimista, porque suspende da mulher qualquer fertilidade que não a simbólica. Afasta a mulher dos seus deveres conjugais, económicos, de tratar da casa. Em *As Bacantes*, as mulheres do palácio fogem, tiram as fitas dos cabelos e vão para as florestas, cortam todos os vínculos. É condição essencial do espírito dionisíaco cortar os vínculos sociais e imergir nas fontes da Natureza que incluem crueldade e doçura, ao mesmo tempo. Isso é difícil de aceitar, para nós, no pós-cristianismo, no pós-judaísmo.

ULISBOA O filósofo tem de estar retirado do mundo?

MFM Não tem de estar, está. Está no mundo, retirado do mundo. Uma pessoa só pode retirar-se do mundo no mundo, porque não há outro mundo. Não é um asceta, ainda que alguns filósofos tenham formado comunidades mais ou menos formalizadas. Os filósofos não precisam de viver em comunidade, mas sem comunidade não há filosofia. Sem discussão viva, não há filosofia. A dialéctica grega não é a hegeliana, é a formalização de uma discussão, em que há um interrogante e um respondente. E é uma luta de morte! Há um que vence.

ULISBOA A discussão tem de ter um vencedor?

MFM Tem. Não sou dos que acha que a discussão vale por si mesma. A discussão tem de fazer mais luz. Há a ideia pedagógica de «não interessa ganhar, interessa participar»; isso é uma falsidade. Na vida tem de se ganhar ou perder. Às vezes, fica-se empatado. E há pessoas que empatam, os empatas. Há pessoas que impedem os outros de ganhar, mas também não ganham! São as que vão para o primeiro círculo do Inferno de Dante, as que nunca se decidiram por nada. Não tomaram a boa decisão. Nem a boa, nem a má. Num jogo, alguém tem de ganhar. Mesmo quando joga sozinha, uma criança que chuta uma bola contra a pare-

de gosta mais que a bola retroceda e os seus pés a recebam, do que passe ao lado dos seus pés. Apesar de não ganhar a ninguém, ganha em relação a si própria. É uma vitória da perícia, do controlo das suas forças. No jogo de xadrez entre Bobby Fischer e Boris Spassky, Fischer fez uma jogada inédita. Depois de uma grande pausa, Spassky deu uma gargalhada, levantou-se, e deu um aperto de mão ao outro. Não jogou mais. A alegria do adversário em ver uma coisa nova! Isso é um jogo. Reconheceu a derrota. No *Banquete* vence Sócrates, mas ele faz uma coisa extraordinária: recolhe os elementos mais bem pensados de todos os outros, faz uma apropriação muito inteligente das várias interpretações e depois introduz a sua própria novidade. É também um jogo.

ULISBOA O filósofo e poeta francês Paul Valéry escreve que ver é esquecermo-nos do nome das coisas que vemos. Vê a linguagem como um obstáculo à percepção e conhecimento do mundo?

MFM Não acho que seja um obstáculo. Pode tornar-se um obstáculo se os nomes que damos às coisas forem pedras, projecteis que destroem as coisas. Mas percebo o que ele está a dizer. A percepção é fundamental para ele. Há pouco tempo reli um texto do Alain sobre o céu, sobre astronomia, que vai ao encontro do que Valéry diz. Quando olhamos para o céu, vemos nomes: Cassiopeia, Ursa Maior, Ursa Menor. Antes da existência dos nomes, já se viam as figuras, já o camponês menos dado à leitura e ao conhecimento podia reconhecê-las, elas estavam lá. No entanto, duvido que antes dos nomes as constelações fossem visíveis. Não sei se eram constelações. A linguagem não é um adorno, constitui a nossa vida. Temos muitas ideias feitas, há palavras que são avitos empedernidos. Pode acontecer que essas palavras nos impeçam de ver. Se tivermos uma teoria sobre o comportamento de alguém e se a nossa observação desse comportamento não se comprovar, tendemos a justificar e a absorver a estranheza dentro da teoria.



Ou seja, impedimo-nos de observar aquilo que está diante de nós. As palavras podem ser uma parede. Há pessoas que dizem «és assim», o que pode ser uma qualificação que nos inibe de reagir desta ou daquela maneira. Há palavras que matam ou que se tornam fontes de pavor. Há pessoas que nos podem dizer coisas que nos fazem deixar cair o que temos na mão. E depois há palavras que impedem a descoberta, sobretudo se estão estabilizadas sob a forma de teoria. Fernando Gil diz que a experiência musical é muito adversa às palavras. [Pausa] Mas mais extraordinário é quando as palavras entram na musicalidade. Quando a música alcança uma certa intensidade, as palavras podem entrar em delírio, ou a dicção pode ser perturbada até ao grito, ao gemido, ao riso, que são antes da palavra. Enformam a linguagem, e a linguagem também as conforma, mas, no limite, quando chegamos ao grito ou ao gemido, deixámos cair a palavra.

As palavras permitem perceber o fracasso diante do grito, da emoção muito poderosa, que desfaz todo o nosso equilíbrio. Mas há quem faça disso matéria criativa: os poetas, os músicos, os cineastas. Eles criam a partir dessa espécie de desastre, da relação entre a linguagem e a nossa vida. A linguagem está sempre ao lado, está sempre a assistir, em todos os sentidos da palavra «assistir», dando assistência e estando presente.

ULISBOA Quando escrevemos, estamos a tentar chegar ao que sentimos? E, com isso, a transformar o sentimento em pensamento?

MFM Acho que não. Se estamos a tentar chegar a algum lado, quando escrevemos, não escrevemos ou escrevemos mal. Wittgenstein diz que não podemos recuar atrás da palavra, a palavra é o começo. Na verdade, as forças da vida, que incluem emoções e expressões de todo o género, são alimento e sustentáculo da linguagem, mas não engendraram a linguagem. A linguagem, que

ninguém sabe como se engendrou, não é emoção, nem força, nem a percepção do que quer que seja. A linguagem não é sensação. A linguagem é um esforço de dicção. É um esforço de articulação do som que absorve tudo o que há, de nós e fora de nós. Por isso é muito difícil estabelecer limites entre a linguagem e o sistema perceptivo, entre a linguagem e o sistema das sensações. Mas há momentos em que rebenta a relação: o choro, o riso sem anedota, o sorriso diante de uma ave que observamos. Ao mesmo tempo, quando observo a ave e sorrio, a linguagem não está afastada. No próprio momento, há uma ordem da linguagem que está activa, mesmo que não dê por isso. Há momentos de explosão, de dissolução dos vínculos e da intimidade entre a linguagem e as emoções.

ULISBOA Às vezes sentimos coisas que aprisionamos quando tentamos descrevê-las por escrito. A escrita fica sempre aquém?

«A escrita interrompe a vida. Sem interrupção, não há escrita. Interrompe e depois retalha, separa, selecciona.»

MFM Todos os escritores, poetas ou filósofos têm essa experiência da prisão que a escrita produz, porque a escrita interrompe a vida. Sem interrupção, não há escrita. Interrompe e depois retalha, separa, selecciona. A escrita é um procedimento de retenção, sentido muitas vezes como aprisionamento, porque parece que o fluxo de vida da experiência ficou anémico. Por outro lado, quando lemos certos textos, o que achamos é que o nosso sentimento de vida foi intensificado. Portanto, esse sentimento é uma visão parcial da escrita, não pode ser a visão do seu todo. Benjamin diz que a obra literária ou poética é a máscara mortuária da intuição. Esta imagem é poderosa, porque nos dá a ideia de que aquilo que as pessoas escrevem são despojos das suas vidas, restos mortuários. Por isso, a escrita parece ser uma experiência insatisfatória, o que não impede o júbilo que a escrita produz: a descoberta, o renascimento que opera naquele que lê. Às vezes achamos mesmo que o que lemos está em estado de nascimento constante. As duas coisas, negando-se, têm de estar unidas. Por um lado, são despojos mortuários; por outro, são fonte de vida.

ULISBOA Qual a sua posição em relação ao suicídio?

MFM Não é nenhuma. Não avalio. O suicídio de quem quer que seja causa sofrimento, mas, em alguns casos, achamos que é a resposta exacta. Não aplaudimos, mas consideramos que não havia outra saída. Há um texto muito impressionante do filósofo Jean Améry, *Atentar contra si próprio: discurso sobre a morte livre*. Passado um ano ou dois de o ter escrito, Améry suicidou-se. Nele, dá conta do modo como vê a vida e o suicídio como morte livre. A ideia dele é que estamos condenados a morrer, a Natureza vai encarregar-se. E aquele que quer morrer de morte

livre é aquele que não quer deixar à Natureza o papel de executor. Eu não tenho esta ideia, acho-a muito impressionante e compreendo-a, mas não sou participante dela. No *Tratado Lógico-Filosófico*, Wittgenstein escreve: com a minha morte, o mundo cessa. E Améry: com a minha morte, o mundo continua. Já eu penso como Hofmannsthal, que diz que quando alguém morre, morre *um* mundo. A minha tendência é compadecer-me do sofrimento do suicida, o sofrimento que o levou ao suicídio. Jamais o julgo. Também há quem veja a eutanásia como uma forma de suicídio. Há uma passagem da *Utopia* de Thomas Moore em que se fala da boa morte, a morte daqueles que estão em grande sofrimento – uma vida indigna – e que sabem que a perseverança na vida está irremediavelmente traída, desfigurada, estilhaçada. Há pessoas que se abandonam e morrem, não é preciso intervenção. E há pessoas que não querem morrer de maneira nenhuma e que prolongam o seu sofrimento. Eu temo pertencer a essas.

ULISBOA Escreve no seu livro *A Imperfeição da Filosofia* que o «amor é um mover-se para a frente que tem a sua sede na alma e ressoa por todo o universo, uma obscura antecipação que procura sem descanso confirmar-se. É, por assim dizer, o futuro da alma». Pode alguma vez o amor ser presente? Ou apenas é vivido como antecipação do que poderá ser?


MFM O amor é sempre presente como antecipação, uma antecipação constantemente a ser preenchida. Se não for preenchida, não é antecipação. O amor não é uma vivência vazia, é um acto real. E é o futuro da alma porque é uma promessa constante que se cumpre. Algumas não se cumprem. Mas, se nenhuma se cumprisse, podíamos falar em promessas? A anteci-

pação é uma promessa. A imperfeição da filosofia é o inacabamento próprio de se estar vivo, mas tem a ver com o acto de pensar. O amor ultrapassa isso. No contexto da filosofia, o amor tem a ver com a consciência da perda e, ao mesmo tempo, com o júbilo na procura. O futuro da alma não tem nada a ver com programação, nem com identificação, nem com adaptação do futuro às precipitações do presente, tem a ver com anseio. E o anseio está sempre a ser preenchido, senão é uma arma contra nós próprios. Se o preenchimento impedisse o anseio, dizíamos «eu já ameí». Pode acontecer que seja assim, mas a natureza amorosa não é assim, é um acto que não conhece termo. Se já tivesse sido preenchido, e o anseio desaparecesse, eu tinha um objecto no passado, configurado com certas características. Mas, como é uma força que me faz mover, está a ser preenchido por um pato, uma pedra, uma árvore, uma pessoa. Depois, há persistência. Há preenchimentos amorosos que persistem, embora estejam sempre a mudar de aspecto. E o amor preenche-se aqui e agora, mas não é para sempre o aqui e agora. Nós podemos experimentar como suspensão do tempo, não como condenação, mas como abertura para o próximo tempo. Por isso é que o amor é o futuro da alma, o futuro da alma como força que faz caminhar, antecipando e preenchendo, antecipando e preenchendo. Não parando de ansiar por, não parando de antecipar. Senão estamos mortos.

ULISBOA Não cessa nunca?

MFM Não, porque transita. O amor é mesmo uma força. E só lhe conhecemos os efeitos, tal como em todas as forças. ●

[Maria Filomena Molder é anti Acordo Ortográfico e tal foi considerado na redacção das suas respostas.]

The book cover features a vibrant blue background with intricate, swirling patterns of black ink, creating a molecular or cellular aesthetic. The title and author's name are centered on the cover.

**ANATOMIA
DAS
MOLÉCULAS**
**JOSÉ
MARTINHO
SIMÕES**

